O Obreiro Cristão Normal

WATCHMAN NEE



O Obreiro Cristão Normal

Watchman Nee

O OBREIRO CRISTÃO NORMAL

Título do original em inglês:
THE NORMAL CHRISTIAN WORKER

Copyright © por Hong Kong Church Book Room Ltd.
Oitava edição cm português— 2001

Traduzido por João Marques Bentes

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução deste livro, no todo ou em parte, sem a permissão escrita dos Editores.

EDITORA FIEL da
Missão Evangélica Literária

Caixa Postal 81
12201-970 - São José dos Campos, SP

Embora dirigindo-se àqueles que se atarefam na obra de Deus, nestas páginas Watchman Nee fala bem pouco sobre o trabalho — antes é acentuado o caráter do obreiro.

Um homem de Deus apela para homens que desejam ser verdadeiros cooperadores de Deus — não super-homens, não homens dotados de certa posição cristã; mas homens segundo a norma cristã, que através da disciplina foram postos em harmonia com a própria natureza de Deus, e que, por essa razão, podem cumprir a vontade de Deus quanto ao mundo atual.

ÍNDICE

Prefácio 5

1. Diligente 6

2. Estável 14

3. Cheio de amor a seus semelhantes 22

4. Bom ouvinte 28

5. Comedido nas palavras 35

6. Objetivo 44

7. Capaz de disciplinar o próprio corpo 52

8. Disposto a sofrer 61

9. Fiel em questões financeiras 68

10. Leal à verdade 85

PREFÁCIO

Não havia a intenção de escrever um livro quando, numa série de mensagens, um servo de Deus expressou espontaneamente o que lhe vinha queimando o coração. Não se dirigia ele a pessoas ausentes; mas fazia um apelo direto aos seus colegas íntimos. Alguns destes, impressionados com o valor dessas mensagens, desejaram compartilhá-las com os seus irmãos na fé que não tiveram o privilégio de estar presentes quando elas foram proferidas. Eis a origem deste livro.

Embora as mensagens tenham sido especificamente endereçadas àqueles que se atarefam na obra do Senhor, bem pouco é dito sobre o trabalho: antes, é acentuado o caráter do obreiro. Um homem de Deus apela para homens que desejam ser verdadeiros cooperadores de Deus — não super-homens, não homens dotados de certa posição cristã; mas homens segundo a norma cristã, que através da disciplina foram postos em harmonia com a própria natureza de Deus, e que, por essa razão, podem cumprir a vontade de Deus quanto ao mundo atual.

1. DILIGENTE

Leitura: *Mateus 25.14-30; II Timóteo 4.2; II Pedro 1.5-15; João 5.17 e 4.35.*

A vida diária do obreiro cristão está relacionada intimamente com o seu trabalho. E, por essa razão, ao considerarmos as qualificações necessárias para o serviço cristão, precisamos levar em conta questões como disposição e conduta. A fim de estar preparado para o serviço espiritual, o homem deve ser dono não apenas de determinado lastro de experiência espiritual, mas igualmente de certo tipo de caráter. O caráter do obreiro deve condizer com o caráter da obra, e o desenvolvimento do caráter de uma pessoa não ocorre em um dia. Se um obreiro tiver de possuir aquelas qualidades necessárias para que seja útil ao Senhor, então é mister serem consideradas muitas questões práticas atinentes à sua vida diária. Terá ele de desfazer-se de hábitos antigos e de formar novos costumes, mediante a disciplina, e sua vida terá de ajustar-se fundamentalmente à obra, para que se harmonize com ela.

Há certos jovens que desde o início de sua vida cristã manifestam qualidades que nos levam a esperar que se tornem úteis servos de Cristo; por outro lado, existem aqueles que, embora não lhes faltem dons, cedo tropeçam pelo caminho e atraem opróbrio para o nome de Cristo. Pergunta-se, pois, como se explica o desenvolvimento tão variado das vidas dos obreiros cristãos? Seja-me permitido responder francamente que há certas características básicas na constituição de cada um que determinam se terão ou não valia para o Senhor. Um jovem pode exibir certas inclinações que parecem promissoras para o futuro; todavia, se determinadas qualidades fundamentais não estiverem presentes, certamente ele será um desapontamento para outros. Pode ter ele autêntico desejo de servir ao Senhor, mas falta-lhe a disposição de ser um verdadeiro servo. Jamais pudemos encontrar um obreiro cristão que fosse um bom obreiro, se porventura lhe faltasse o domínio-próprio necessário;

e jamais conhecemos uma pessoa desobediente que se mostrasse um servo útil para o Senhor.

Há certas características sem as quais ninguém pode ser um obreiro cristão satisfatório, tornando-se necessário, desse modo, um processo de destruição e reedificação, a fim de que o Senhor possa obter obreiros que satisfaçam às Suas exigências. A dificuldade de muitos candidatos à obra do Senhor não consiste de ignorância ou falta de habilidades, mas reside no fato que o errado é o próprio indivíduo; há algo de fundamental que está ausente em sua constituição. Por conseguinte, é necessário que nos humilhemos perante Deus, submetendo-nos à disciplina própria, se aquilo que porventura estiver faltando em nosso caráter tiver de ser corrigido. Demoremo-nos um pouco em Sua presença, buscando descobrir algumas daquelas qualidades requeridas de todos quantos tiverem de servi-Lo de modo aceitável.

Uma dessas qualidades é a diligência. Parece supérfluo dizê-lo, mas realmente é essencial afirmar de maneira enfática que o obreiro cristão deve ser pessoa dotada da vontade de trabalhar. No evangelho de Mateus lemos acerca da história dos servos aos quais foram entregues cinco talentos, dois talentos e um talento, respectivamente. Quando, após longa ausência, o senhor daqueles servos regressou e exigiu que prestassem contas de sua custódia, o servo que recebera um único talento, disse: "Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste, e ajuntas onde não espalhaste, receoso, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. Respondeu-lhe, porém, o senhor: Servo mau e negligente, sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei? Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu. Tirai-lhe, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez. . E o servo inútil lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes" (25.24-30).

Esse trecho das Escrituras demonstra que o Senhor requer que cada servo Seu seja diligente no serviço que Lhe presta. Ele indicou claramente a falha fundamental na vida do servo que nos foi retratado acima. Tal falha era dupla: ele era "mau" e "negligente". A

sua maldade ficou manifesta no fato que ousou chamar seu senhor de "homem severo". Não frisaremos aqui este aspecto do seu caráter, mas falaremos a respeito de outro aspecto, isto é, de sua negligência.

A preguiça não é um defeito raro. Os preguiçosos nunca buscam trabalho, e, ainda que cheguem a empregar-se, buscam evitar todo esforço. Infelizmente, muitos crentes, como também descrentes, sofrem dessa fraqueza, e servem de empecilho para com os seus companheiros. Já tiveram a oportunidade de conhecer algum obreiro cristão eficaz que também fosse indolente? Não, mas todos os tais são diligentes e estão sempre alertas, não desejando desperdiçar tempo ou esforços. Não vivem à cata de oportunidade para descansar, mas, pelo contrário, buscam aproveitar cada ocasião oportuna para servirem ao Senhor.

Contemplem os apóstolos. Quão diligentes foram eles! Pensem no colossal trabalho realizado por Paulo no decurso de sua vida. Vejam-no a viajar de lugar para lugar, pregando o evangelho onde quer que se encontrasse, arrazoando intensamente com indivíduos; até mesmo quando foi lançado numa prisão, não deixou de aproveitar tal oportunidade — pregava para todos com quem entrava em contacto e escrevia para aqueles de quem fora separado. Leiam o que ele escreveu para Timóteo, quando estava encarcerado: "Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não" (II Timóteo 4.2). A prisão podia restringir os movimentos externos de Paulo, mas não era capaz de cercear a eficácia do seu ministério. Quantas riquezas espirituais ele ministrou por intermédio de suas epístolas escritas na prisão! Não havia o menor resquício de preguiça em Paulo; ele estava sempre aproveitando o tempo.

Infelizmente, muitos obreiros cristãos declarados não fazem o esforço de buscar oportunidade para servir ao Senhor; e se alguém se aproxima deles sem ter sido convidado, consideram isso uma interrupção, e não uma oportunidade, e tão-somente almejam que tal pessoa logo se vá embora e deixe de aborrecê-los. Que nome vocês emprestariam a isso? Essa atitude se denomina preguiça.

Vocês já tiveram de tratar com trabalhadores que "amarram" o trabalho? Essas pessoas aceitam realizar alguma tarefa, mas elas se

demoram e arrastam sobremaneira o serviço, ao mesmo tempo que, se podem fingem estar trabalhando, pois não levam a sério o seu serviço, já que sua única preocupação é matar o tempo. Qual é a dificuldade que os aflige? É a mais franca preguiça.

Em sua epístola aos filipenses, escreveu Paulo: "A mim não me desgosta, e é segurança para vós outros, que eu vos escreva as mesmas cousas" (3.1). Embora Paulo estivesse encarcerado, não considerava um enfado ter de reiterar as mesmas coisas ao dirigir-se por escrito aos crentes de Filipos, visto que isso tinha em mira o bem deles. Como isso difere de muitos crentes! Se lhes solicitarmos que façam alguma coisa, reagem como se uma carga tremenda lhes houvesse sido imposta. A pessoa que reputa tudo como um fardo não pode ser um fiel servo do Senhor; nem ao menos pode ser um servo fiel dos homens. Alguns dos chamados "obreiros cristãos de tempo integral" são tão profundamente espirituais que não vêem necessidade de trabalhar arduamente ou de prestar contas de seu serviço a quem quer que seja. Se estivessem empregados em algum trabalho secular, nenhum patrão terreno os toleraria, face à indolência que caracteriza o seu serviço; e, no entanto, iludem-se, pensando que podem servir a Deus dessa maneira. Oh! nosso caráter precisa ser disciplinado até não mais considerarmos o trabalho como algo maçante, deleitando-nos em despender tempo, energias e recursos materiais, sem nenhuma restrição, a fim de servir aos outros! Paulo não só se derramava em seu ministério espiritual, mas também experimentava quão árduo pode ser o trabalho manual. Ouçamos a sua própria declaração:— "Vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo" (Atos 20.34). Ali estava um verdadeiro servo do Senhor.

Alguns supostos obreiros cristãos têm, realmente, aversão ao trabalho, e sempre podem apresentar alguma desculpa para evitá-lo; a outros falta o impulso de buscar trabalho e simplesmente se deixam ficar no ócio, esperando que aconteça alguma coisa. Todo servo fiel a Cristo aproveita os momentos; mesmo quando não esteja externamente atarefado está internamente ativo, esperando no Senhor em autêntico exercício do coração. De certa feita, disse nosso

Senhor: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também" (João 5.17); noutra ocasião, fez aos discípulos esta pertinente pergunta: "Não dizeis vós que ainda há quatro meses até à ceifa? " E respondendo Ele mesmo à indagação, adicionou: "Eu, porém, vos digo: Erguei os vossos olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa" (João 4.35). Os discípulos estavam dispostos a esperar durante quatro meses até lançarem mãos à obra, mas nosso Senhor, na realidade, disse que já era chegado o tempo de se lançarem ao trabalho, e não somente em alguma data futura. "Erguei os vossos olhos e vede", disse Ele, indicando o tipo de trabalhador de que Ele precisava — alguém que não espera até que o trabalho chegue à sua presença, mas que tem olhos para ver o trabalho a ser feito. Nosso Senhor mantinha-se sempre alerta para cooperar com o Pai em tudo quanto estivesse fazendo; e, visto que o Pai estava sempre ativo, o Filho igualmente se conservava ativo. Não é a fervente atividade de pessoas cujas inclinações para o desassossego as conservam sempre agitadas que pode satisfazer à necessidade, mas esta necessidade pode ser satisfeita pelo espírito de alerta do servo diligente, o qual vem cultivando o hábito de olhar para cima e sempre pode ver a obra do Pai, que aguarda sua cooperação. Infelizmente, pouquíssimos são os crentes que podem ver o que Deus está fazendo atualmente. É trágico, mas é possível que atravessemos os campos maduros para a colheita sem ao menos percebermos os grãos já maduros. É possível que o trabalho esteja bem defronte de nós sem ao menos nos darmos conta disso. Os crentes a quem falta esse senso de urgência na obra, que podem esperar confortavelmente pelo espaço de "quatro meses", antes de se lançarem à tarefa, são "servos inúteis". Cristo precisa de obreiros que aproveitem zelosamente os momentos que passam, que nunca adiam o trabalho para o dia de amanhã, se puder ser feito hoje. Em alguns lugares não há ceifa pela simples razão que é muito grande o número de crentes que não gostam de trabalhar.

A diligência é essencial se tivermos de servir ao Senhor, mas ela consiste primariamente de uma questão do íntimo que não pode ser medida pelo volume externo de atividades. Não ousamos ceder perante a indolência da nossa própria constituição, razão pela qual também nos devemos esforçar por cultivar uma disposição diligente.

Entretanto, de nada adiantará que nos obriguemos a trabalhar um pouco mais se formos preguiçosos por natureza, porquanto, após um período de trabalho duro certamente reverteremos aos antigos hábitos de indolência. O de que precisamos é de uma transformação radical em nossa constituição. Estamos familiarizados com as palavras que ensinam que o Senhor veio "buscar e salvar o perdido" — Ele veio não somente para entrar em contacto com os homens; mas veio procurá-los e salvá-los. Com que diligência Ele os buscava e salvava! É dessa disposição que precisamos.

No primeiro capítulo de sua segunda epístola escreve Pedro: "...reunindo toda vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor" (versículos 5-7). Essa adição sobre adição caracteriza cada pessoa diligente. Cumpre-nos cultivar a disposição que nunca cessa de adquirir novos territórios no reino espiritual, pois, desse modo, seremos servos úteis para o Senhor. Oh, precisamos ser intensamente positivos em Seu serviço! Alguns obreiros cristãos parecem completamente despidos de qualquer senso de responsabilidade; não percebem a vastidão do campo; não sentem quão urgente é que atinjam as extremidades da terra com o evangelho; tão-somente se ocupam de sua pequena área e esperam que coisas melhores sucedam. Se não viram uma única alma ser salva no dia de hoje, aceitam isso como questão consumada, e esperam vagamente que os resultados do dia de amanhã serão melhores; entretanto, se nenhuma delas for salva amanhã", simplesmente resignam-se novamente ante o inevitável. Como pode ser atingido o propósito do Senhor com obreiros de tal qualidade?

Pedro era feito de material diferente. Na passagem que acabamos de citar, o apóstolo procura ansiosamente despertar os seus leitores de tudo quanto, porventura, tenha sabor de passividade. Releiam esse trecho e observem a energia divina que pulsa em todo o ser de Pedro, a qual ele busca comunicar a outros por meio de sua epistola. O que ele pretendia dizer é que logo que tenhamos adquirido uma virtude cristã, devemos, imediatamente, procurar

suplementá-la com outra; e, tendo obtido essa outra, devemos buscar ainda outra qualidade complementar. E assim compete-nos prosseguir, nunca satisfeitos com aquilo que já pudemos conseguir, mas sempre acrescentando e jamais cessando de acrescentar, até que o alvo seja atingido. E qual é o propósito desse esforço incansável? "Porque estas cousas", explica Pedro, "existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo" (versículo 8).

Note-se que a diligência elimina a ociosidade. O estado negativo da ociosidade é combatido pelo estado positivo da diligência. A ociosidade não pode ser tratada de modo negativo; tem suas raízes na preguiça, e a cura para a preguiça é a diligência. Se sempre nos encontrarmos desempregados ou inativos, será necessário que nos controlemos firmemente; teremos que suprir aquilo que falta em nossa constituição. Tendo corrigido a primeira deficiência, teremos de corrigir a segunda, e a terceira, e uma por uma de todas as demais deficiências, até que não sejamos mais "nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo". Se, mediante o poder divino, assim fizermos, terá lugar uma grande transformação em nosso caráter. Não mais nos mostraremos vadios, mas antes, nos disporemos para o trabalho árduo e seremos jubilosos servos do Senhor.

Pedro se mostrou incansavelmente diligente ao buscar levar os seus leitores a essa qualidade. Notemos o que ele afirma no versículo quinze: "De minha parte, esforçar-me-ei diligentemente por fazer que, a todo tempo, mesmo depois da minha partida, conserveis lembrança de tudo". O que mais nos impressiona aqui não é uma atividade óbvia, externa. Mas é o senso íntimo de urgência, de urgência de espírito, que gerava aqueles incansáveis esforços da parte de Pedro.

Oxalá acordássemos para o peso de nossa grande responsabilidade, para a urgência da necessidade que nos circunda, e para a natureza transitória do tempo! Se ficássemos impressionados com a seriedade da situação, não teríamos opção senão lançarmo-nos

ao trabalho, ainda que nos tivéssemos que privar do alimento e do sono, a fim de atingir o nosso alvo. Nosso tempo já se esgotou quase por inteiro; a necessidade continua desesperadora; nossa solene obrigação ainda não foi executada. Que, na qualidade de homens que morrem, nos entreguemos com todo o nosso poder ao serviço daqueles que morrem ao nosso derredor. Não permitamos que a preguiça natural nos enleie na procrastinação, mas hoje mesmo devemo-nos levantar e ordenar que nossos corpos nos sirvam. De que vale dizermos que ansiamos por servir ao Senhor, se não nos despertamos de nossa letargia? E de que nos servirá todo o nosso conhecimento, se isso não nos puder salvar de nossa indolência inata?

Examinemos, uma vez mais, a passagem do capítulo vinte e cinco do evangelho de Mateus, que já consideramos no início de nossa preleção. Naquela parábola vimos certo servo do Senhor enfrentar duas acusações perante o tribunal de Cristo - a acusação de "maldade" e a acusação de "negligência". O próprio Senhor Jesus proferiu a sentença: "E o servo inútil lançai-o para fora, nas trevas" (versículo 30). A avaliação que o Senhor faz do servo preguiçoso se resume numa palavra, "inútil". Só o servo diligente Lhe pode ser útil. Não consideremos superficialmente essa questão; mas aceitemos a advertência solene, e de hoje em diante dependamos do Senhor para que Ele nos capacite a mudar nossos lerdos hábitos. Posto que a indolência é um hábito repetido que se desenvolve com a passagem dos anos, não podemos embalar a esperança de corrigi-la em um dia ou dois, nem podemos esperar remediá-la por meio de tratamentos suaves. Mas compete-nos tratar de nosso caso sem usar de clemência, na presença do Senhor, se nos tivermos de tornar servos que não sejam "inúteis" para o Seu serviço.

2. ESTÁVEL

Leitura: *Mateus 16.13-23; I Pedro 2.5 Mateus 18.18; 26.31-41, 69-75; Marcos 14.54,66-68.*

A estabilidade é outra das qualidades que se deve encontrar na vida de todo obreiro cristão. Infelizmente, muitos crentes são extremamente inconstantes. O seu humor se altera com as condições atmosféricas, de tal modo que por muitas vezes se tornam brinquedos das circunstâncias; em conseqüência, não se pode depender deles. Suas intenções são boas, mas, em vista de serem emocionalmente instáveis, freqüentemente perdem a estabilidade.

A Bíblia retrata para nós um homem de temperamento irresoluto, que conhecemos pelo nome de Simão Pedro. Certo dia o Senhor perguntou aos Seus discípulos quem o povo pensava que Ele era, ao que eles retrucaram que alguns julgavam-No ser João Batista, outros pensavam que Ele fosse Elias, ao passo que ainda outros viam Nele Jeremias ou algum dos profetas. Então Ele fez a mesma pergunta aos discípulos, dizendo: "Mas vós, quem dizeis que eu sou? "

A resposta de Pedro: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo", provocou de imediato a réplica de Jesus: "Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja" (Mateus 16.13-18).

Note-se a declaração: "Sobre esta pedra edificarei a minha igreja". Parece que o Senhor tinha em mente o contraste que estabelecera, no Sermão da Montanha, entre o sábio que edificou a sua casa sobre a rocha, em razão do que ela pôde resistir à tempestade e à inundação, e o insensato que edificou a sua casa sobre a areia, e sob o mesmo embate das intempéries esta ruiu completamente. Por mais que a Igreja seja sujeitada a pressões,

jamais poderá entrar em colapso, visto estar firmemente estabelecida sobre a Rocha, que é Jesus Cristo.

Em data posterior, Pedro escreveu as seguintes palavras: "Também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual" (I Pedro 2.5). A estrutura superior da Igreja se compõe da mesma substância de que é formado o seu alicerce; e assim como a estabilidade caracteriza o alicerce, igualmente caracteriza o edifício inteiro. A estabilidade, pois, é um distintivo necessário do caráter de todo obreiro cristão, pois cada qual é uma "pedra que vive". Cristo disse a Pedro: "Tu és Pedro" (em grego, petros, uma pedra) "e sobre esta pedra" (em grego, petra, rocha) "edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela". Uma pedra que faça parte de um edifício não é uma rocha imensa, à semelhança do alicerce; porém, embora o alicerce e a estrutura superior sejam diferentes quanto às suas dimensões, no tocante à substância são do mesmo material. Cada um daqueles que participam do edifício da Igreja poderá ser pequeno em suas medidas, mas no tangente à sua natureza em nada difere do Cabeça da Igreja.

Observemos em seguida como prossegue a passagem que acabamos de citar: "Dar-te-ei as chaves do reino dos céus: o que ligares na terra, terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra, terá sido desligado nos céus". Essa promessa, aqui dirigida a Pedro, também foi feita, mais tarde, à Igreja toda (ver Mateus 18.18). É claro que Pedro ouviu essas palavras como um indivíduo, mas foi em sua capacidade de ministro de Cristo que as chaves do reino dos céus lhe foram confiadas. Foram-lhe entregues aquelas chaves a fim de que pudesse agir como quem abre as portas; e ele atuou claramente nessa capacidade, no dia de Pentecoste e, posteriormente, na casa de Cornélio. Na primeira instância, ele abriu a porta do reino dos céus para os judeus, e, no segundo caso, para os gentios. Entretanto, quando o Senhor Jesus se dirigiu a Pedro, em Cesaréia de Filipe, o caráter desse apóstolo não correspondia ainda ao seu nome, pois naquela altura dos acontecimentos era incapaz de fazer uso das chaves do reino dos céus. Todavia, quando, pela graça do Senhor, foi libertado da instabilidade que o caracterizava até então, e se tornou um ministro de Cristo, firme como uma rocha, pôde usar as chaves

que lhe haviam sido conferidas, e pôde valer-se da autoridade de abrir ou fechar.

Nenhum indivíduo marcado por um temperamento irresoluto pode exercer um ministério dessa natureza. Deve haver equiparação entre o caráter do ministro e o caráter do ministério. Ambos devem trazer o caráter da Igreja contra a qual as portas do inferno jamais poderão prevalecer. Infelizmente, contudo, as portas do inferno prevalecem contra muitos obreiros cristãos em vista de serem sempre vacilantes; por esse motivo, não se pode depender deles na obra do Senhor. A menos que essas naturezas instáveis sejam transformadas, seremos incapazes de funcionar no ministério específico do qual tenhamos sido incumbidos; mas, louvado seja o Senhor, Ele conta com recursos plenamente capazes de transformar o nosso caráter, tal como transformou o de Pedro. Ele pode abordar qualquer espécie de fraqueza que porventura esteja maculando as nossas vidas, e pode reconstituir-nos de tal maneira que nos tornemos aptos para o Seu propósito.

A Bíblia esclarece que foi por revelação que Pedro foi capaz de reconhecer que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo. Jamais teria podido fazer sozinho essa maravilhosa descoberta, nem poderia outro homem ter-lhe implantado tal conhecimento; mas Deus é que lhe fizera saber disso. A partir do momento em que Pedro fez sua confissão, Jesus começou a falar aos discípulos acerca dos sofrimentos que já esperavam por Ele para breve; e lhes falou abertamente sobre a Sua iminente crucificação e ressurreição, após o que Pedro, "chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá. Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda! Satanás" (Mateus 16.22,23).

Podemos observar como o pêndulo inclinou-se subitamente para o lado oposto. Pedro, que tão recentemente atingira tão sublimes alturas na sua experiência espiritual, agora caía em abismos perigosos. Nem bem acabamos de ouvir o Senhor reconhecendo que Pedro recebera magnífica revelação divina, e imediatamente O ouvimos dizer que o apóstolo servia de instrumento nas mãos de

Satanás. Num momento Pedro declarava ao Senhor: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo; mas, no instante seguinte, começou a repreendê-Lo. Esses dois momentos, tão próximos um do outro, estavam separados um do outro, espiritualmente falando, como os povos se opõem um ao outro; e o mesmo homem que fora um vaso da revelação divina, naquele brevíssimo espaço de tempo, se transformara em instrumento de Satanás, mediante o qual este procurava impedir que o Senhor galgasse à cruz.

O Senhor, porém, reagiu de pronto, e, dirigindo-se diretamente a Pedro, a quem tão recentemente declarara "Bem-aventurado és tu", agora lhe dizia: "Arreda! Satanás". Brevíssimo período se escoara desde que Ele declarara "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja". Mas como poderia um homem, vencido pessoalmente por Satanás, ser usado para edificar a Igreja, acerca da qual o Senhor declarara que as portas do inferno jamais prevaleceriam contra ela? Se Pedro tivesse de ser alguma vez usado, certamente teria de passar por uma transformação fundamental. E foi exatamente isso que aconteceu. Examinemos o relato segundo se acha registrado no capítulo vinte e seis do evangelho de Mateus.

Quando os discípulos estavam reunidos em torno do Senhor, após a celebração da páscoa, Jesus lhes disse: "Esta noite todos vós vos escandalizareis comigo; porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas". Pedro, entretanto, com sua característica impulsividade, protestou imediatamente: "Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim". Pedro estava claramente contradizendo ao Senhor, mas ao fazer assim usava de uma bravata: estava convencido de que expressava a verdade. Foi devido ao fato que Pedro confiava tão firmemente em si mesmo que o Senhor reforçou a Sua declaração geral a respeito de todos os discípulos, e, dirigindo-se pessoalmente a Pedro, para que não mais restasse dúvida alguma de que ele também estava incluído no número daqueles que O abandonariam, Jesus acrescentou detalhes que descreviam a profundeza a que Pedro cairia, ao desertar do Senhor. Porém, tão arraigada era a auto-confiança de Pedro que todas as afirmações do Senhor não tiveram o dom de convencê-lo; e ele protestou, mais veementemente do que nunca: "Ainda que me seja

necessário morrer contigo, de modo nenhum te negarei". Pedro não estava tentando enganar a quem quer que fosse: era sincero em cada palavra que dizia. Amava ao Senhor e queria segui-Lo sem reservas. Ao falar como o fez, expressava de todo o coração o seu desejo; mas equivocava-se, por não ser o homem que julgava ser. Pedro desejava pagar o preço supremo para seguir ao Senhor, mas não pertencia à categoria de homem que pensava ser; não era capaz de pagar tal preço.

Pouco depois de Pedro haver feito suas reiteradas declarações de que seguiria ao Senhor a qualquer custo, o Senhor disse a ele e aos outros dois discípulos que levara Consigo em particular, até o jardim do Getsêmani: "A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo". Mas todos os três caíram no sono. Novamente o Senhor se dirigiu especificamente a Pedro, dizendo-lhe: "Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo? " Porém, não esperou pela resposta de Pedro; mas Ele mesmo forneceu a resposta: — "O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca". Sim, assim era Pedro. Estava tão pronto, mas era tão fraco.

Em um próximo instante a cena foi alterada novamente. E Pedro mudou conforme as circunstâncias. Uma grande multidão viera aprisionar a Jesus, e as emoções de Pedro foram despertadas. Estendeu a mão, puxou da espada e decepou a orelha do servo do sumo sacerdote. Não era essa uma prova de sua disposição de morrer em companhia de seu Senhor? Mas, esperem um instante. Jesus foi detido, e agora está sendo levado sozinho. Para onde ter-se-ia ido Pedro? 'Então os discípulos todos, deixando-o, fugiram". Pedro havia desertado a seu Senhor.

Marcos registra: "Pedro seguira-o de longe até ao interior do pátio do sumo sacerdote e estava assentado entre os serventuários, aquentando-se ao fogo" (14.54). Subitamente, uma das criadas do sumo sacerdote o reconheceu e exclamou: "Tu também estavas com Jesus, o Nazareno. Mas ele o negou, dizendo: Não o conheço, nem compreendo o que dizes" (versículos 67 e 68). Seria esse o mesmo Pedro, que ainda naquele dia ousara cortar fora a orelha do servo do sumo sacerdote? Sim, era Pedro, realmente, mas agora tão dominado

pelo temor, quando uma simples criada do sumo sacerdote o identificava como um dos discípulos, que chegou ao ponto de renegar ao seu Senhor. Há poucos minutos queria segui-Lo a todo custo, ainda que isso significasse perder a própria vida, mas agora queria preservá-la a todo custo. A grande explosão emotiva que se apoderara dele já havia amainado; e enquanto Jesus sofria opróbrios no salão de julgamento, Pedro procurava evitar qualquer ligação com os Seus sofrimentos. Por conseguinte, mudou de lugar e foi para o pórtico. Ali conseguiu ouvir outro servo, que dizia a alguns dos presentes: "Este é um deles", e imediatamente se viu compelido a fazer nova negação. Escreve Mateus: "E ele negou outra vez, com juramento: Não conheço tal homem" (26.72). Não se passou muito tempo quando outras pessoas, que se achavam de pé, aproximaram-se dele e lhe disseram: "Verdadeiramente és também um deles, porque o teu modo de falar o denuncia. Então começou ele a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem" (versículos 73 e 74). Porventura tratar-se-ia do mesmo Pedro, este homem que agora negara ao Senhor por três vezes, que negara conhecê-Lo em meio a juramentos e pragas? Sim, era Pedro, verdadeiramente.

O problema de Pedro não era algo meramente superficial. Havia uma falha fundamental em seu caráter. Ele se deixava controlar pelas suas emoções, e a sua conduta era sempre imprevisível, tal como o comportamento de todos aqueles que são controlados pelos sentimentos. O entusiasmo dessa gente as eleva, ocasionalmente, a alturas excelsas; noutras ocasiões, a depressão as conduz às maiores profundezas. É possível que tais pessoas recebam a revelação divina, mas também é possível que sirvam de obstáculo no caminho dos propósitos divinos. Inclinam-se por falar e agir com precipitação, sob a pressão de algum impulso súbito, mas esse impulso não tem origem divina. Muitos problemas na obra do Senhor surgem por causa desse defeito radical nas vidas de Seus servos; e visto que a dificuldade é radical, ela requer uma correção radical.

Pedro era possuidor de um caráter franco. Não era dado à diplomacia ou às meias medidas; mas era dotado de emoções fortes, e confiava nessas emoções, até que a prova por que passou certo dia

mostrou que ele não era homem de devoção inflexível ao Senhor, conforme os seus sentimentos o tinham levado a acreditar.

Irmãos e irmãs, é tragicamente possível que nosso suposto amor ao Senhor não passe de pouco mais que um apego sentimental. Nossas relações emocionais para com o Seu amor não são necessariamente tão profundas nem tão puras como pensamos. Sentimos que O amamos totalmente; mas vivemos tanto no campo da alma que julgamos ser do tipo de pessoas que sentimos que somos. Sentimos que queremos viver exclusivamente para Ele e que queremos morrer por Ele, se Ele assim o desejar; mas, se o Senhor não destruir a nossa auto-confíança. como destruiu a de Pedro, continuaremos sendo enganados pelos nossos sentimentos, e a nossa vida consistirá de intermináveis flutuações.

Pedro não mentiu deliberadamente ao asseverar a sua devoção ao Senhor; mas os seus sentimentos fizeram-no acreditar naquilo que não era verdade. É horrível dizer-se uma mentira; mas é digno de compaixão acreditar-se numa mentira. Se continuarmos confiando em nossos sentimentos, o Senhor poderá ter de permitir que descubramos, através de queda séria, quão indigna de confiança é a nossa vida emocional.

A medida de nossa habilidade de seguir ao Senhor não é aquilatada pela medida de nosso desejo de segui-Lo.

Quem nos dera reconhecer o fato que a Igreja é uma estrutura eternamente estável! O alicerce da Igreja é um fundamento rochoso, e cada uma das pedras que formam o edifício é tirada dessa mesma rocha. Se nosso caráter não corresponde ao caráter da verdadeira Igreja, como podemos esperar fazer parte de sua construção? Se procuramos edificar com material inferior, então estamos pondo em perigo a estrutura inteira. Pedra de outra qualidade que não aquela do alicerce não resistirá à tensão imposta sobre ela, e assim nossa tentativa de edificar resultará tão-somente em ruína, e a ruína significará perda para nós mesmos e para outros, e perda de tempo precioso, durante o qual poderia ser completado o trabalho. Verdadeiramente, precisamos dar ouvidos à palavra que nos exorta,

em I Coríntios 15.58: — "Sede firmes, inabaláveis, e sempre abundantes na obra do Senhor".

Graças a Deus que Pedro foi conduzido à queda a fim de descobrir a sua própria fraqueza, e essa queda foi profunda o bastante para esmagar a sua auto-confiança. Nossos fracassos passados não têm sido suficientemente sérios para nos convencermos de nosso caráter indigno de confiança? Continuamos orando e pedindo luz sobre nossa própria condição, mas o conhecimento de nossos fracassos passados não é bastante iluminador para nos levar a cair de joelhos perante Deus, em profunda contrição, permitindo-Lhe que nos refaça, tal como reconstituiu a Pedro? Quando a queda de Pedro lhe mostrou de que naipe era feito, "saindo dali, chorou amargamente". Dali por diante o Senhor começou a reformá-lo, até que o seu caráter pudesse estar à altura de seu novo nome, quando então pôde usar as chaves do reino dos céus com poderosos efeitos.

Não podemos esperar ser transformados em instrumentos notáveis, à semelhança de Pedro, mas confiamos em que o Senhor se compadecerá de nós e operará uma transformação tal em nossas vidas como operou na vida daquele apóstolo. Nosso caráter precisa passar por uma transformação radical, se tivermos de ser obreiros cristãos dignos desse nome.

3. CHEIO DE AMOR A SEUS SEMELHANTES

Leitura: *Provérbios 17.5; Marcos 10.45; Lucas 19.10; João 10.10 e Lucas 15.*

O amor aos irmãos é um elemento essencial na vida de todo obreiro cristão, mas não menos essencial é o amor por toda a humanidade. Salomão escreveu: "O que escarnece do pobre insulta ao que o criou" (Provérbios 17.5). Deus é o Criador de todos os homens, e ninguém está apto para tornar-se servo Seu se aborrece ou despreza a qualquer deles. É verdade que o homem caiu, mas esse homem caído se tornou objeto do amor remidor; e o Senhor que redimiu o homem, Ele mesmo se tornou homem — um homem semelhante aos outros homens, que gradualmente cresceu da infância à plena maturidade. E quando Deus já contava com o Homem segundo o Seu desejo, na pessoa de Seu Filho, e O exaltara à Sua mão direita, a Igreja foi trazida à existência, "o novo homem" em Cristo.

Quando chegamos a compreender realmente a Palavra de Deus, então percebemos que a expressão "filhos de Deus" não se reveste de tanta significação quanto o termo "homem", e também percebemos que a escolha divina e a eleição divina tinham como seu objetivo um homem coletivamente glorificado. Quando percebemos o lugar que o homem ocupa nos propósitos de Deus; quando vemos o homem como o foco de todos os Seus pensamentos; quando contemplamos como o Senhor humilhou-se, a fim de tornar-se homem; então aprendemos a apreciar a humanidade inteira.

Estando nosso Senhor neste mundo, declarou : "Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Marcos 10.45). Ele não ensinou que o Filho de Deus veio a fim de ministrar aos homens; mas disse: "...o Filho do homem... veio..." Nessas palavras entrevemos a atitude do Senhor para com o homem.

Uma séria dificuldade, no caso de muitos dentre aqueles que estão engajados na obra cristã, é a sua falta de amor pelos homens, na sua falta de estima pelos homens, no fato de não perceberem o valor que o homem tem aos olhos de Deus. Sentimos hoje que já chegamos a excelsas alturas se começamos a amar aos filhos de Deus. Mas. será isso o suficiente? Não, porquanto precisamos expandir-nos; precisamos entender que o nosso amor deve incluir a todos os homens; precisamos compreender que todos os homens são preciosos para Deus. Sem dúvida vocês estão interessados por algumas poucas pessoas inteligentes, por alguns poucos que, de uma maneira ou de outra, são notáveis; mas o que quero saber não é se vocês estão interessados por homens extraordinários, e, sim, se estão interessados no HOMEM. Essa pergunta é importantíssima. A frase que diz "...o Filho do homem... veio..." implica, antes de tudo, no que o Senhor estava intensamente interessado no homem: estava tão interessado que Ele mesmo se fez homem. Até que ponto vocês estão interessados? Talvez pensem: "Bem, fulano não tem muita importância". Ou então: "Tal pessoa não representa grande coisa". Mas, como é que o Senhor considerou tais pessoas? Ele veio habitar entre os homens, na qualidade de Filho do homem. Dava um valor tal ao homem que se tornou homem, a fim de que pudesse servir ao homem da maneira mais perfeita possível. Trata-se de algo surpreendente, como também extremamente grave, que muitos dos filhos de Deus se preocupem tão pouco com os homens. Irmãos e irmãs, vocês compreendem o sentido desta frase, "...o Filho do homem ... veio ? " Ela significa que Cristo se importou com toda a humanidade. Que anormal estado de alma, se estamos interessados apenas por alguns poucos indivíduos seletos!

O interesse pela raça humana é um requisito básico em todo obreiro cristão, e não apenas o interesse por certo segmento da mesma. "Deus amou o mundo". Seu amor abarcou a todos os homens, e assim também deve ser o nosso amor. Não devemos limitar os nossos interesses aos Seus filhos, nem a qualquer outra classe particular de homens, mas devemos estender nosso amor a todos.

Anos de instrução nos têm acostumado a falar de certos homens como nossos "irmãos", e de todos os homens como nossos "semelhantes", e talvez tenhamos começado a apreciar o fato que alguns homens são verdadeiramente nossos irmãos; porém, damos o devido valor a esse outro fato que todos os homens são nossos semelhantes? Infelizmente, muitos dos que se professam servos do Senhor, jamais abriram os seus corações para com todos os seus semelhantes. Se ao menos ficasse profundamente gravado em nós que Deus é nosso Criador, e que todos somos semelhantes uns dos outros, como tiraríamos proveito dos outros, enganando-os, acerca de qualquer coisa? Se, em nosso trato com os nossos semelhantes, buscamos os nossos próprios interesses, o nosso trabalho terá um valor bem limitado aos olhos de Deus, por maior que seja o seu volume externo.

"Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Marcos 10.45). "Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido" (Lucas 19.10). "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (João 10.10). Foi por causa do homem que o Senhor Jesus veio a esta terra, e Ele veio com o propósito específico de servir aos homens. Foi seu avassalador interesse pelos homens que O trouxe do céu à terra, a fim de ministrar aos homens de tal maneira que derramou a Sua própria vida em resgate por eles. O poder motivador de Cristo era o Seu apaixonado amor pelos homens. Seu ministério em favor dos homens resultava de Seu amor por eles; e visto que o Seu amor não conhecia fronteiras, Ele pôde servi-los até chegar ao extremo da morte na cruz.

Se vocês procurarem pregar o evangelho aos perdidos, mas jamais se sentirem tocados pelas palavras "Deus criou o homem", e assim considerá-los seus próprios semelhantes; e se nunca jamais tiveram um interesse mais do que casual pelos homens; então não estão aptos para pregar a Cristo como "resgate por muitos". É mister que raie em nós o fato que Deus criou o homem à Sua semelhança e nele concentrou o Seu amor, visto que o homem é tão enormemente precioso para Ele. A menos que o homem se torne objeto de nossa afeição, é impossível que nos tornemos servos dos homens.

Muitos obreiros cristãos têm uma atitude completamente errada para com os semelhantes. Consideram-nos um entrave, e algumas vezes se ofendem com os seus atos e não conseguem perdoá-los. Mas como podemos nós, em nós mesmos pecadores por natureza, hesitar em perdoar aos pecadores? Como podemos deixar de compreender as suas fraquezas e defeitos? E como podemos deixar de considerá-los queridos, quando reconhecemos o quanto são prezados pelo Senhor? Ele, o Bom Pastor, pode abandonar tudo e sair em busca de uma única ovelha perdida; o Espírito Santo pode procurar uma única moeda perdida; e o Pai pode sair a fim de dar as boas vindas ao Seu filho perdido. Na parábola que há no capítulo quinze de Lucas vemos como o amor divino pode desgastar-se livremente para redimir ao menos uma alma. E ainda podemos não entender a intensidade do amor de Deus pelo homem?

Irmãos e irmãs, à luz da profunda preocupação de Deus pelo homem, podem vocês ainda considerar com indiferença aos seus semelhantes? Seremos inúteis em Seu serviço a menos que os nossos corações sejam expandidos e que o nosso horizonte seja alargado. Precisamos ver o valor que o homem tem para Deus; precisamos perceber o lugar ocupado pelo homem no eterno propósito de Deus; compete-nos ver a significação da obra remidora de Cristo. Sem isso, é vão imaginar que débeis criaturas como vocês e eu possamos ter alguma participação na grandiosa obra de Deus. Como poderia alguém ser usado para salvar almas, se não tivesse amor pelas almas? Se ao menos esse defeito fundamental de nossa falta de amor aos homens pudesse ser solucionado, nossas muitas outras dificuldades em relação aos homens haveriam de desaparecer. Julgamos que algumas pessoas são por demais ignorantes, e pensamos que outras são muito duras, mas esses problemas desaparecerão quando nosso problema básico de falta de amor aos homens houver sido resolvido. Quando deixarmos de estar em um pedestal e aprendermos a tomar o nosso lugar como homens entre os seus semelhantes, então nunca mais desdenharemos deles.

Alguns obreiros cristãos, criados em áreas urbanas, às vezes se internam pelo interior e, entre a gente simples do campo, adotam uma atitude de superioridade para com eles. Quão diferente é isso do

Filho do Homem, o qual veio para ser servo de todos! Se vocês forem a algum lugar para pregar o evangelho, mas não forem na qualidade de filhos do homem, terão falhado em sua missão. Se vocês trabalham entre os outros revestidos de uma atitude de condescendência, não se enganem, confundindo a humildade de Cristo com a condescendência. A condescendência consciente é uma humildade falsa; a humildade genuína não tem consciência de si mesma. Quando Cristo veio habitar entre os homens, veio como verdadeiro homem. Viveu como homem em meio aos seus semelhantes. Muitos obreiros cristãos, ao se movimentarem entre os seus semelhantes, deixam a impressão de que lhes estão prestando um favor ao se associarem com eles. Nossa conduta jamais deveria levar os outros a sentirem que somos diferentes deles. A menos que possamos ser filhos do homem entre os homens, não seremos nem verdadeiros servos do homem e nem verdadeiros servos de Deus. Os obreiros de Deus devem ser pessoas tão abnegadas que sejam inconscientemente humildes. Um homem ignorante e perdido não difere de vocês e de mim em qualquer outra coisa além disto, que nós estamos salvos, e que ele não o está. Mas ele tem um lugar no propósito criador de Deus, tal como vocês e eu temos; ele tem um lugar no propósito redentor de Deus, tal como vocês e eu temos; e ele tem a mesma potencialidade para Deus como vocês e eu temos.

Talvez cada um de vocês diga: A ignorância alheia não representa problema algum para mim; minha dificuldade surge quando entro em contacto com pessoas de baixa moral ou acostumados a enganar aos outros. Qual deve ser a minha atitude para com tais pessoas? Vocês precisam apenas fazer um retrospecto em sua própria vida. Onde estavam vocês quando a graça de Deus os encontrou? E onde se encontrariam hoje, não fosse a graça de Deus? Se, em qualquer aspecto, vocês diferem deles, trata-se inteiramente de uma questão de Sua graça. Meditem no que a graça de Deus tem feito por vocês. Ao contemplarem a Sua graça, terão de prostrar-se perante Ele e reconhecer: "Por natureza sou tão pecaminoso quanto eles, mas sou um pecador salvo pela graça". A contemplação do que a graça de Deus tem feito por nós jamais nos exaltará; pelo contrário, sempre nos forçará a nos humilharmos perante Ele. Se vocês são

diferentes dos outros, "pois quem é que te faz sobressair? e que tens tu que não tenhas recebido? e, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido? " A visão do pecado certamente deve levar-nos a retroceder, mas, apesar disso, devemos estender o nosso amor aos pecadores.

Se, por um lado, a nossa atenção se fixa no fato que todo servo de Deus tem a sua própria função especial, não nos devemos olvidar, por outro lado, que, por mais diferentes que possam ser as suas funções, todos os mais autênticos servos de Deus se assemelham em um ponto particular, a saber, que se interessam profundamente pelos homens. Se vocês não se sentem atraídos aos pecadores, mas antes, preferem evitá-los, que esperam poder realizar ao pregar-lhes o evangelho? Afastar-se-ia um médico de seus pacientes enfermos? Se buscamos aos perdidos por havermos compreendido o quanto eles são preciosos no conceito de Deus, ainda que seja uma só alma, então nos aproximaremos dos pecadores, não por compulsão do dever, mas sob o constrangimento de uma atração irresistível. Quando nos chegamos a eles com amor espontâneo, descobrimos que se terá aberto perante nós um ilimitado campo de serviço, e, pela misericórdia divina, nos tornaremos servos que Lhe são de alguma valia.

Oh! se pudéssemos ver cada ser humano como uma alma viva, dotada de imensas potencialidades! Quão diferentemente nos temos sentido para com os salvos, desde que compreendemos que somos "concidadãos dos santos"! E sentiremos diferença similar para com os perdidos quando a luz divina raiar sobre nós e, verdadeiramente, virmos cada um como nosso semelhante. Então lhes daremos valor e os amaremos, e entraremos em harmonia com o Senhor, nesse desejo de conquistá-los para Si mesmo, a fim de que eles sejam qual material de construção em Suas mãos, visando à edificação de Sua Igreja. Se vocês ou eu desprezarmos qualquer alma humana, estaremos sendo indignos de permanecer no serviço do Filho do Homem, porquanto os Seus trabalhadores são servos dos homens que têm por motivo de alegria o poderem servi-Lo.

4. BOM OUVINTE

Outra daquelas qualidades que esperamos encontrar na vida de todo obreiro cristão é que ele seja capaz de ouvir. Muitas pessoas, sem dúvida, consideram isso como uma questão de somenos importância, comparativamente falando; mas a experiência e a observação nos têm demonstrado que isso de modo algum é assim.

Qualquer indivíduo que queira servir ao Senhor deve adquirir o hábito de ouvir o que os outros dizem, e não ouvir de maneira casual, e, sim, ouvir com atenção, com o objetivo de prestar atenção e de compreender o que lhe é dito. Se um crente, em necessidade consciente, volta-se para um servo do Senhor pedindo-lhe ajuda, este, enquanto escuta a história de seu irmão, deve ser capaz de discernir três tipos diferentes de linguagem - as palavras que ele está proferindo; as palavras que ele está reservando para si; e as palavras que ele não pode proferir e que jazem no profundo do seu espírito.

Em primeiro lugar, deve-se ter como alvo dar ouvidos ao que nosso interlocutor está realmente dizendo, ouvindo-o até que possamos compreender o que ele busca, o que significa que nós precisamos manter tranquilamente defronte de Deus, para que a nossa mente esteja desanuviada e nosso espírito esteja calmo, visto que dar atenção não é uma questão muito fácil. Deixem-me perguntar-lhes: Vocês podem seguir inteligentemente o que alguém diz, enquanto esse alguém procura explicar laboriosamente a sua dificuldade? Temo que se vinte de vocês começassem a ouvir todos à mesma pessoa e ao mesmo tempo, haveria tantas impressões diferentes acerca do problema daquela pessoa quantos fossem os ouvintes.

Ah, temos que aprender a nos controlarmos com mão firme, se quisermos adquirir ouvidos aptos a escutar. Nossos ouvidos devem ser treinados para ouvir. A menos que estejamos bem disciplinados, ficamos enfadados com os relatos que as pessoas necessitadas

derramam em nossos ouvidos, e muito antes que elas parem de falar já as deixamos de ouvir, e então tiramos as nossas conclusões prematuras a respeito de seus problemas. Ou então, desde o início lhes damos escassa atenção, visto estarmos tão impressionados com a importância do que temos para lhes transmitir que só esperamos pela oportunidade de interrompê-las e assumir novamente o papel de quem fala, naturalmente esperando que elas se mostrem boas ouvintes.

Sucede com freqüência que um obreiro, depois de meditar por algum tempo sobre um determinado tema espiritual, fica tão impregnado de seus pensamentos que quando um irmão aflito busca a sua ajuda, ele, imediatamente, expõe a questão sobre a qual vinha meditando. Depois, quando um irmão dominado de alegria e regozijo se apresenta, recebe o mesmo tratamento; e a mesma coisa é impingida a todos quantos procuram aquele obreiro, sem importar o estado dos mesmos. Na obra cristã a questão de prestar ajuda aos outros é mais difícil do que a tarefa do médico que busca aliviar os sofrimentos dos pacientes que vêm à sua clínica, pois conta com um laboratório onde podem ser efetuados testes que possam auxiliá-lo no diagnóstico dos diversos casos, enquanto que o obreiro cristão tem que chegar ao seu diagnóstico sem qualquer ajuda semelhante. Se alguém vier a vocês e se puser assentado durante meia hora a fim de lhes suprir de informes sobre a sua condição, mas vocês não lhe puderem dar atenção cuidadosa, como serão capazes de localizar a sua dificuldade? É imperativo que todos quantos servem ao Senhor cultivem a arte de dar ouvidos ao que os outros dizem, a fim de que se tornem ouvintes sagazes e desenvolvam a capacidade de compreender o problema específico de cada indivíduo.

Em segundo lugar, quando algum necessitado nos dirige a palavra, enquanto ele fala devemos discernir o que tal pessoa está evitando dizer. Naturalmente, é mais difícil obter um registro claro das palavras não proferidas do que daquelas que são ditas, mas temos que aprender a ouvir com tanta atenção que possamos discernir tão bem o que é audível como aquilo que é inaudível. Quando as pessoas nos consultam sobre as suas questões, não é incomum que nos relatem apenas metade da história e se refreiem de divulgar a outra

metade. É nesse ponto que a competência do obreiro é posta à prova. Se vocês são obreiros incompetentes, discernirão somente aquilo que for audivelmente expresso; ou talvez vocês procurem compreender a história interpretando-a, inserindo os seus próprios pensamentos, pensamentos que jamais subiram ao coração do interlocutor. O resultado será que vocês compreenderão mal aquele que veio atrás de auxílio. Se vocês tiverem de interpretar corretamente, então será necessário que mantenham estreitas relações com o Senhor. Quando uma pessoa necessitada fala somente da sua dificuldade superficial, mas faz silêncio quanto à questão mais importante, como poderão vocês reconhecer a sua condição? Poderão, de fato, reconhecê-la, contanto que suas próprias relações com o Senhor não estejam confusas.

Em terceiro lugar, devemos ser capazes de descobrir o que os seus espíritos estão dizendo. Por detrás de todas as palavras que uma pessoa possa proferir, e das palavras que ela esteja deliberadamente ocultando, existe aquilo que já denominamos de palavras proferidas pelo espírito. Quando qualquer crente em necessidade começa a abrir a boca e a falar, então o seu espírito também fala. O fato que ele se dispõe a falar sobre si mesmo lhes dará a oportunidade de tocarem em seu espírito. Se os seus lábios se mantiverem fechados, porém, será difícil saber o que se passa em seu espírito, mas, paralelamente com as palavras que lhe saem dos lábios, o seu espírito encontrará algum meio de expressão, por mais que ele se esforce por controlar-se. A habilidade de vocês discernirem o que o espírito de tal pessoa quer dizer dependerá da medida da própria experiência espiritual que vocês já tiveram. Se tiverem adquirido compreensão mediante o exercício do coração na presença de Deus, então serão capazes de discernir as palavras proferidas por aquele irmão; as palavras que ele evitou exprimir; e as palavras que ele está dizendo no mais íntimo do seu ser. Vocês serão capazes de discernir a dificuldade intelectual que ele definiu, e também a dificuldade espiritual que não foi definida; e então estarão em posição de oferecer o remédio específico para o caso.

É uma tragédia que tão poucos crentes sejam bons ouvintes. Pode-se passar uma hora inteira a lhes explicar uma dificuldade, mas,

no fim, continuam totalmente atordoados a respeito. É que a atenção não foi suficientemente aguda. Se não formos capazes de ouvir o que os outros têm para nos dizer, como podemos dar ouvidos ao que Deus nos diz? Oh! não tomemos o caso como uma questão insignificante. Se não aprendermos a ouvir, e ouvir com entendimento, ainda que nos tornemos grandes leitores da Bíblia ou grandes mestres das Escrituras, e nos tornemos eficientes em vários tipos de trabalho, continuaremos incapazes de tratar do caso de um irmão necessitado. Devemos ter a habilidade não somente de falar com as pessoas, mas também de cuidar das suas dificuldades. Porém, como isso poderá vir a ser uma realidade se tivermos aprendido a usar a boca, mas não os ouvidos? Sim, cumpre-nos entender a seriedade dessa falha.

Conta-se a história de um antigo médico cujo estoque de medicamentos consistia exclusivamente de duas variedades — óleo de rícino e quinino. Não importava do que os seus pacientes se queixassem, invariavelmente ele prescrevia um ou outro desses medicamentos. Muitos obreiros cristãos tratam exatamente desse modo daqueles que buscam a sua ajuda. Contam com apenas um ou dois recursos favoritos, e por mais variados que sejam os males daqueles que os procuram, aconselham-nos segundo esses parcos recursos. Tais obreiros não podem ser de grande auxílio para os outros, visto que só podem falar; não sabem ouvir. Como, pois, podemos adquirir a capacidade de ouvir às pessoas e de entender o que dizem?

(1) Devemos evitar a subjetividade. Porque é uma das principais razões por que tantas pessoas são más ouvintes. Se tivermos os nossos próprios conceitos acerca das pessoas, descobriremos ser difícil aceitar o que elas dizem, porquanto nossa mente já estará repleta das nossas próprias conclusões. Ficamos tão fixos em nossas noções que as opiniões alheias não penetram em nossas mentes. Estamos tão firmemente persuadidos que já descobrimos a panacéia para todos os males que, sem importar quão variegadas sejam as necessidades daqueles que nos buscam, oferecemos sempre o mesmo remédio para todos. Como é possível que um obreiro dê atenção ao que os outros lhe dizem acerca de suas

necessidades se, antes de ao menos abrirem a boca, ele está convencido de que já conhece a dificuldade e já tem o remédio à mão? Precisamos rogar ao Senhor que nos liberte dessa subjetividade. Acheguemo-nos a Ele e oremos para que Ele nos capacite a pôr de lado todos os nossos preconceitos e conclusões próprios, em todos os nossos contactos com os nossos semelhantes, e para que Ele mesmo nos instrua para que possamos chegar ao diagnóstico certo em cada caso.

(2) Não devemos divagar. Muitos crentes nada conhecem do que se refere à disciplina mental. Dia e noite os seus pensamentos fluem sem interrupção. Nunca se concentram, mas permitem que a sua imaginação divague para lá e para cá, até que as suas mentes acumulem tantos subsídios que nada mais podem tolerar. E assim, quando alguém lhes dirige a palavra, não podem seguir o que lhes é dito, mas só podem seguir a linha dos seus próprios pensamentos ou falar das coisas que os preocupam. É essencial que aprendamos a tranqüilizar as nossas mentes, para que possamos ouvir e aceitar o que nos estiver sendo dito.

(3) Cumpre-nos aprender a penetrar nos sentimentos alheios. Ainda que sejamos capazes de escutar o que alguém nos diz, seremos ainda incapazes de compreender as suas necessidades, a menos que possamos entender, com atitude simpática, as suas circunstâncias. Se alguém vier a vocês profundamente aflito, mas vocês permanecerem em atitude despreocupada e leviana, não tendo sido tocados pela aflição dele, não serão capazes de chegar ao verdadeiro diagnóstico do caso. Se a nossa vida emocional não tiver sido moldada por Deus, quando outros expressarem a sua alegria seremos incapazes de irromper em jubilosa reação, e quando exprimirem as suas tristezas, nos mostraremos incapazes de compartilhar das mesmas; em conseqüência, quando os outros falarem, seremos capazes de ouvir as palavras que proferem, mas não poderemos interpretar corretamente o seu sentido.

Não nos devemos esquecer de que, por amor de Cristo, somos servos uns dos outros, e compéte-nos não só devotar-lhes nosso tempo e nossas forças, mas também importa que deixemos que

nossas afeições se estendam para eles. Diz-se do Senhor Jesus que Ele pode "compadecer-se das nossas fraquezas". As exigências impostas por Deus àqueles que pretendem servi-Lo são muito rigorosas. Elas não nos dão margem para nos entregarmos ao lazer e para nos ocuparmos conosco mesmos. Se tivermos de nos envolver com o nosso próprio riso e com as nossas próprias lágrimas, com as nossas próprias preferências e com os nossos próprios gostos, então estaremos por demais preocupados para nos entregarmos livremente ao serviço dos outros. Se nos aferrarmos aos nossos próprios prazeres e aflições, e hesitarmos em desviar a atenção dos nossos interesses, então nos pareceremos com salas tão repletas de móveis que nada mais elas podem acomodar. Ou, dizendo a mesma coisa noutras palavras, despenderemos todas as nossas emoções conosco mesmos, e nada mais teremos para despender com o próximo. É necessário que entendamos que a força de nossas almas tem um limite, tal como é limitada a energia dos nossos corpos. Nossos poderes emocionais não são ilimitados. Se exaurirmos as nossas simpatias com alguma coisa, nada mais teremos para gastar com outra. Por esse motivo, quem quer que tenha um afeto desordenado por outrem, não pode ser servo do Senhor. Ele mesmo estipulou: "Se alguém vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo" (Lucas 14.26).

A necessidade básica de todos aqueles que se ocupam da obra do Senhor consiste em conhecer a cruz por experiência própria; doutro modo nos dobraremos sobre nós mesmos e seremos governados por nossos próprios pensamentos e sensações. Não existe maneira rápida e fácil para alguém se tornar útil para Deus e para os seus semelhantes. Relembremo-nos que os maus ouvintes jamais serão bons obreiros; e para que nos transformemos em bons ouvintes, a cruz terá que operar profundamente em nossas vidas, libertando-nos da tendência de ficarmos absorvidos somente conosco mesmos, o que nos torna surdos para com as preocupações alheias. A profunda ação da cruz em nossas vidas produzirá a calma interior que nos fará ser ouvintes cheios de paciência. Isso não significa que deixaremos as pessoas falarem horas sem fim, enquanto ficamos assentados, a ouvi-las em silêncio, mas quer dizer que lhes daremos uma

oportunidade razoável de explicar-nos o que se passa nos corações delas.

Há uma idéia errônea, mui generalizada entre os obreiros cristãos. Pensam eles que o essencial básico é que sejam capazes de falar. Nada mais afastado da realidade! Para sermos obreiros eficazes precisamos de clareza espiritual; necessitamos de discernimento acerca das condições de todos quantos procurarem a nossa ajuda; necessitamos de tranqüilidade mental para que ouçamo-los a expor o seu caso; e precisamos de sossego de espírito para que possamos sentir a verdadeira condição deles, além daquilo que nos desvendarem. Nós mesmos teremos que permanecer em correta relação para com o Senhor, de tal modo que, donos de luz interna, possamos discernir claramente as necessidades alheias, e, à base de um diagnóstico exato, sejamos capazes de aplicar o remédio específico exigido em cada caso.

5. COMEDIDO NAS PALAVRAS

Leitura: *Tiago 3.1; Eclesiastes 5.3; I Timóteo 3.8; Mateus 5.37; Efésios 5.4 e Isaías 50.4.*

Por falta de comedimento nas palavras, é seriamente cerceada a utilidade de muitos obreiros cristãos. Em lugar de serem instrumentos poderosos no serviço do Senhor, o seu ministério produz pouco efeito, devido ao constante desgaste de poder, devido ao seu falar descuidado, sem nenhuma cautela.

No terceiro capítulo de sua epístola, Tiago faz a seguinte pergunta: "Acaso pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso? " (versículo 11). Se um obreiro cristão costuma falar sem a menor cautela a respeito de todas as questões possíveis, como pode esperar ser usado pelo Senhor na propagação de Sua Palavra? Se Deus chegou a pôr a Sua Palavra em nossos lábios, então pesa sobre nós a solene obrigação de resguardarmos os nossos lábios, usando-os exclusivamente para o Seu serviço. Não podemos oferecer um membro de nossos corpos para o Seu uso, em um dia, para, no dia seguinte, retroceder e usá-lo a nosso bel prazer. O que quer que Lhe tenha sido dedicado uma vez, será eternamente Dele.

No décimo sexto capítulo de Números somos informados sobre como Coré e os seus seguidores se uniram em oposição a Moisés e Arão, e como cada um dos duzentos e cinqüenta homens tomou o seu incensário com brasas e o apresentou ao Senhor. Todos eles pereceram, em face de sua presunção, mas Deus ordenou que Moisés aproveitasse os incensários. Observe-se o motivo da preservação dos mesmos: "Disse o Senhor a Moisés: Dize a Eleazar, filho de Arão, o sacerdote, que tome os incensários do meio do incêndio, e espalhe o fogo longe, porque santos são; quanto aos incensários daqueles que pecaram contra a sua própria vida, deles se façam lâminas para cobertura do altar: porquanto os trouxeram perante o Senhor; pelo

que santos são" (versículos 36-38). Tudo quanto houver sido oferecido a Deus é consagrado a Ele, e não mais pode ser utilizado para uso profano.

A passagem de Eclesiastes 5.3 afirma que na multidão de palavras podemos detectar a voz do insensato. Deixamos transparecer a nossa insensatez através da nossa loquacidade. Sentimos que devemos dizer tal ou qual coisa para fulano e, naturalmente, não podemos deixar de dizer muitas outras coisas a muitas outras pessoas. Sempre nos parece haver uma boa razão para dizermos algo para alguém. Oh, como alguns dentre nós gostam de falar, e, acima de tudo, gostam de passar adiante o que ouviram! Enquanto isso, muita energia espiritual vai sendo assim dissipada.

Há determinados particulares, vinculados a essa questão de falar, que devemos observar. Em primeiro lugar, notemos o tipo de conversa que nos dá prazer de ouvir. Dessa maneira, podemos chegar a conhecer-nos melhor, porquanto o tipo de conversa que nos atrai indica de que tipo de pessoa somos nós. Algumas pessoas nunca confiam na gente por saberem que não somos do tipo que corresponderia afirmativamente ao que têm para dizer; ao passo que outras pessoas dirigem-se diretamente a nós e derramam em nossos ouvidos toda a mais recente informação que ouviram, visto terem julgado que pertencemos àquela categoria de indivíduos que gostam de ouvir o que elas têm para dizer. Vocês podem aquilatar a si mesmos parando para observar as coisas que as pessoas gostam de dizer para vocês.

Em segundo lugar, observemos quais histórias aceitamos com maior credulidade, pois aquilo a que nos inclinamos a crer revela os nossos pendores. Somos mais crédulos para certas coisas do que para outras, e a direção de nossa credulidade deixa entrever onde reside a nossa fraqueza constitucional. As pessoas, naturalmente, estão prontas a propalar rumores, e nossas tendências temperamentais, algumas vezes, tapeiam-nos e nos fazem dar crédito ao incrível, sobretudo quando as declarações que nos são feitas são alicerçadas na assertiva de que o informante sabe o que diz.

Em terceiro lugar, devemos notar se, quando ouvimos os relatos que nos são transmitidos, os quais são aceitos sem deles duvidarmos, temos o hábito de passá-los adiante. Vocês já observaram esse processo? Determinado indivíduo, dotado de certa inclinação, profere determinadas palavras, que são coloridas pela sua personalidade; e posto haver alguma afinidade entre ele e eu, dou-lhe toda a atenção, e uma parte da personalidade dele penetra-me no íntimo; em seguida, acrescento as cores do meu próprio temperamento e transmito a questão a uma terceira pessoa.

Ato contínuo. observemos a propensão que algumas pessoas revelam de transmitir informações inexatas. Contam uma mesma história em ocasiões diferentes, mas os seus relatos não se harmonizam entre si. Em sua primeira epístola a Timóteo, Paulo alude a essa espécie de pessoas, recomendando que o obreiro cristão deve ser "de uma só palavra" (I Timóteo 3.8). Alguns indivíduos usam de duplicidade nas palavras, devido à sua ignorância e fraqueza, mas, no caso de outros, revela-se mais do que mera falha de temperamento — há corrupção moral. O trecho de Mateus 21.23-27 registra que os principais sacerdotes e os anciãos do povo vieram ter com Jesus, estando Ele a ensinar no templo, e indagaram Dele com que autoridade agia. Ele retrucou com uma pergunta: "Donde era o batismo de João? do céu ou dos homens? " Isso os pôs em um dilema, pelo que arrazoaram entre si: "Se dissermos: Do céu, ele nos dirá: Então por que não acreditastes nele? E, se dissermos: Dos homens, é para temer o povo, porque todos consideram João como profeta". O resultado desses raciocínios foi que eles evitaram enfrentar a verdade, e disseram: "Não sabemos". A resposta deles foi uma mentira deliberada. Em Mateus 5.37 lemos que o Senhor recomendou: "Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar, vem do maligno". Não cabe ao obreiro cristão ser governado pela diplomacia, e nem deixar de pensar sobre o possível efeito de suas palavras sobre os seus ouvintes, antes de resolver o que lhe compete dizer. Quando certos indivíduos buscavam armar uma armadilha diante do Senhor, mediante suas perguntas capciosas, algumas vezes Ele apelou para o recurso do silêncio, mas jamais para a diplomacia. Sigamos o Seu exemplo, e acolhamos o conselho de

Paulo, o qual escreveu aos coríntios: "Se alguém dentre vós se tem por sábio neste século, faça-se estulto para se tornar sábio" (I Coríntios 3.18). E escrevendo aos romanos, disse ele: "Quero que sejais sábios para o bem e símplices para o mal" (16.19). No terreno espiritual a sabedoria do mundo não tem o mínimo valor. A dificuldade de muitos é que nunca aprenderam a dizer "Sim" com candura, quando os fatos exigem um sim, e a dizer "Não", quando sabem que a verdade tem que ser expressa com uma negativa. Jamais falam com simplicidade, com franqueza, mas tudo é cuidadosamente estudado, e as suas declarações são sempre adaptadas aos seus próprios interesses.

Na qualidade de servos do Senhor, entramos em contacto constante com muitas pessoas, desfrutando assim de muitíssimas oportunidades de falar com outros e de ouvi-los; razão por que é essencial que exerçamos controle estrito sobre nós mesmos, a fim de que não suceda que nos tornemos pregadores da Palavra, ao mesmo tempo que fazemos o papel de propagadores de boatos. Esse trágico estado de coisas é mais do que uma simples possibilidade. Se quisermos evitar esse ardil, no qual não poucos já caíram, precisamos ter cuidado não somente com os nossos lábios, mas igualmente com os nossos ouvidos. Em nosso trabalho, não podemos deixar de ouvir muitas coisas que as pessoas têm para revelar-nos sobre os seus negócios, e para sermos obreiros eficientes somos forçados a cultivar a arte de prestar atenção, a fim de que nos seja possível ajudá-las. Contudo, devemos desencorajá-las de continuar revelando detalhes, uma vez que já tenhamos compreendido com clareza a necessidade delas. Cumpre-nos manter eterna vigilância, para que a nossa natural curiosidade não nos leve a ouvir mais do que convém que saibamos. Existe aquilo que se poderia denominar de concupiscência de conhecimento, concupiscência de informações a respeito da vida alheia; e precisamos **ter** cuidado com isso. Convém que sejamos comedidos nas palavras; porém, se tivermos de usar de comedimento naquilo que dizemos, primeiramente devemos exercer comedimento naquilo que ouvimos.

Levanta-se nesta altura a questão de obter e reter a confiança dos outros. Se alguém compartilhar de seus problemas espirituais

conosco, tratar-se-á isso de uma prova de confiança que devemos respeitar. Não devemos falar acerca dessas confidências a menos que os interesses da obra tornem tal coisa necessária. Como poderiam vocês servir ao Senhor, se traírem a confiança em vocês depositada? Mas, que outra coisa poderão fazer, senão trair a confiança, se ainda não aprenderam a dominar a própria língua? Precisamos reputar tais confidências como um depósito sagrado, guardando-as fielmente. Aqueles que, por motivo de sua necessidade, compartilharem de suas histórias secretas com vocês, não o farão para aumentar o cabedal de conhecimentos que vocês possuem. Mas tais pessoas se aproximam de nós em virtude não do que somos pessoalmente, mas em virtude do ministério que exercemos; por isso mesmo, não podemos considerar tais informes como um conhecimento pessoal, que possa ser compartilhado com todos e qualquer um. Cumpre-nos aprender a salvaguardar toda a confiança que outros tiverem posto em nós. Aqueles que são incapazes de refrear a própria língua não podem fazer parte da obra do Senhor.

Ao abordarmos a questão da língua, é-nos impossível evitar o assunto do péssimo hábito de proferir mentiras. O indivíduo que usa de duplicidade, ao qual já tecemos alusões, é parente próximo do mentiroso. Todas as asseverações feitas com o intuito de enganar cabem dentro da categoria das inverdades, ao passo que o intuito de enganar é um defeito que procede do íntimo. Se a vocês for feita alguma pergunta que não desejem ou não possam responder, poderão recusar-se polidamente a dar resposta, mas não ousem iludir àquele que os interroga. Queremos que as pessoas acreditem na verdade, e não na mentira; por conseguinte, não ousamos utilizar palavras que, em si mesmas, sejam verazes, a fim de transmitir uma impressão falsa. Se um fato exigir um sim, então teremos que aprender a responder com um sim; se exigir um não, que aprendamos a dizer não. O que vai além disso, provém do maligno. O Senhor, de certa feita, falou em termos extremamente severos para certas pessoas que queriam segui-Lo, dizendo: "Vós sois do diabo, que é vosso pai... Quando ele profere a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira" (João 8.44). Satanás é o autor das mentiras, e em face do fato que todas as mentiras se originam nele,

como poderia alguém que se diz consagrado ao Senhor emprestar os seus lábios para que profiram palavras instigadas pelo Seu inimigo? Onde quer que se verifique tal fenômeno, isso indica uma dificuldade fundamental na vida do indivíduo. Trata-se de um problema da mais grave natureza possível. Nenhum de nós tem a coragem de afirmar que sempre diz exatamente a verdade (de fato, quanto mais cuidadosamente procuramos ser verazes, tanto mais percebemos a dificuldade de ser exatos em tudo quanto dizemos), mas devemos cultivar o hábito de ser verazes e de evitar toda a afirmação precipitada.

Evitemos tudo quanto cheire a altercação. Foi predito acerca de Jesus: "Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz" (Mateus 12. 19). E Paulo escreveu para Timóteo, dizendo: "É necessário que o servo do Senhor não viva a contender" (II Timóteo 2.24). O servo do Senhor deve conservar-se debaixo de tal controle que não dê margem a conversas ruidosas ou a qualquer coisa que se assemelhe a altercações. Falar em altos brados usualmente indica falta de poder, e sempre indica a necessidade de auto-disciplina.

Podemos ter plena razão naquilo que dizemos, mas não há necessidade de fazermos afirmações em altos brados, quando queremos dizer a verdade: pois poderemos impressionar os nossos ouvintes com a verdade sem usar de qualquer insistência ruidosa acerca de nossas convicções a respeito. Andemos na presença do Senhor na calma dignidade que convém aos Seus servos. Naturalmente, não desejamos assumir uma sobriedade ou refinamento meramente artificial, porquanto a vida cristã c espontânea e sem afetação; mas o domínio próprio tem que ser posto em prática até que se torne em nós uma segunda natureza.

O domínio próprio no terreno da linguagem elimina grande parte do linguajar frívolo e inconveniente, ao que Paulo se refere em sua epístola aos Efésios como "cousas inconvenientes" (5.4); e igualmente anula a zombaria e muitas outras coisas que ao servo de Cristo não cabe praticar. Se pudermos entreter uma audiência com nossas histórias interessantes e observações engraçadas e críticas

espirituosas, não conseguiremos conquistar o seu respeito ao lhe falarmos acerca do Senhor; as nossas palavras não terão valor para eles. Quando nos dirigimos ao púlpito a fim de proclamar a Palavra de Deus, eles aquilatarão a nossa prédica com a mesma medida com que avaliaram as palavras que proferimos tão frivolamente, quando ainda não estávamos no púlpito. Não nos olvidemos daquela aguda pergunta feita na Palavra de Deus: "Acaso pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso? " Não há necessidade de preparativos laboriosos antes de subirmos ao púlpito para pregar; porém, temos necessidade de precaução constante em nossa conversação diária normal, a fim de que nossa maneira descuidada de falar não venha a fazer-nos perder poder, para que não se tornem ineficazes as nossas palavras, quando estivermos falando do púlpito.

Se vocês adquirirem o vício de falar sem cuidado, também lerão a Bíblia descuidadamente. As palavras desse Livro são as únicas palavras inteiramente dignas de confiança, mas, se vocês não apreciam exatidão de linguagem, então não acolherão essas palavras com seriedade; em conseqüência, a prédica de vocês terá pouco poder. Para que o pregador pregue a Palavra de modo eficaz, requer-se que este tenha determinada disposição; e a leitura das Escrituras requer idêntica disposição. Pessoas de caráter descuidado se aproximam da Palavra de Deus com atitude frívola e não podem embalar a esperança de chegar a compreendê-la verdadeiramente. Ilustremos o assunto por intermédio da própria Bíblia.

No capítulo vinte-e-dois de Mateus aprendemos que os saduceus não acreditavam na ressurreição. Um dia vieram ter com o Senhor e lhe apresentaram o seguinte problema: "Mestre, Moisés disse: Se alguém morrer, não tendo filhos, seu irmão casará com a viúva e suscitará descendência ao falecido. Ora, havia entre nós sete irmãos: o primeiro, tendo casado, morreu, e, não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão; o mesmo sucedeu com o segundo, com o terceiro, até ao sétimo; depois de todos eles, morreu também a mulher. Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa? porque todos a desposaram". Mas Jesus respondeu: "Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. Porque na ressurreição nem casam nem se dão em casamento; são, porém,

como os anjos no céu. E quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e, sim, de vivos" (versículos 24-32). É claro que os saduceus liam as Escrituras, mas não as entendiam. Suas próprias palavras eram proferidas com frivolidade, e, por esse motivo, não podiam apreciar a exatidão absoluta das declarações divinas. Nosso Senhor tão somente citou uma breve passagem da Palavra de Deus para responder à indagação deles, a saber, Êxodo 3.15, onde Deus chama a Si mesmo de Deus de Abraão, Deus de Isaque e Deus de Jacó. Alicerçado nessas poucas palavras, nosso Senhor raciocinou como segue: Vocês, saduceus, admitem que Abraão está morto, que Isaque está morto, e que Jacó está morto; no entanto, Deus declara que Ele é o Deus deles, como igualmente afirma que Ele não é Deus de mortos, mas de vivos; por conseguinte, nada menos do que a ressurreição pode capacitar o Deus vivo a ser o Deus deles. E, dessa forma, os saduceus foram silenciados.

Quando nos tivermos de apresentar perante o tribunal de Cristo, talvez descubramos que o dano produzido pela maneira de falar leviana e fútil em muito excede ao prejuízo causado de muitas outras maneiras, visto que opera grande destruição, tanto em outras vidas como em nossa própria. As palavras, uma vez saídas de nossos lábios, não mais podem ser recuperadas; pelo contrário, prosseguirão cada vez para mais longe, passando de boca para ouvido e de ouvido para boca, espalhando danos enquanto prossegue. Podemo-nos arrepender de nossa insensatez, e podemos receber o perdão, mas não podemos recolher de volta aquilo que soltamos. Temos falado a respeito de vários defeitos de caráter que maculam a vida e o ministério de muitos crentes; entretanto, se a nossa dificuldade é uma língua solta, então o problema é mais grave do que todos os demais problemas mencionados, pois as palavras descuidadas que a língua profere liberam uma torrente mortífera que se espalha cada vez mais, levando a morte por onde quer que passe.

Irmãos e irmãs, em face de fatos tão solenes, precisamos arrepender-nos. Muitas palavras que temos proferido nos dias passados foram "palavras ociosas", mas agora elas não são mais

"ociosas", pelo contrário, estão intensamente ativas, a semear uma furiosa destruição. Busquemos a purificação divina quanto ao passado, e, no tocante ao presente, confiemos em que Ele resolverá radicalmente essa miséria que ameaça destruir a nossa utilidade para Ele. Se, em Sua misericórdia, Ele assim fizer, no futuro seremos poupados de muita tristeza e lamentação. Abraão pôde arrepender-se de ter gerado a Ismael, e até mesmo depois desse lamentável nascimento segundo a natureza carnal ainda pôde gerar a Isaque, de conformidade com o propósito divino. Porém, ele já havia posto no mundo um adversário da descendência escolhida por Deus; e ainda que tivesse despedido a Hagar e a seu filho para longe de Isaque, isso não solucionou a divergência entre os dois, a qual continuava muito viva, apesar da passagem dos séculos.

Acha-se escrito acerca do Senhor Jesus: "O Senhor Deus me deu língua de eruditos" (Isaías 50.4). A expressão "língua de eruditos" poderia ser traduzida por "língua de discípulo", isto é, de alguém que tem sido disciplinado. Necessitamos buscar fervorosamente ao Senhor, para que Ele nos capacite a controlar a própria língua, a fim de que esse membro "indomável" possa tornar-se um membro disciplinado. Quando a nossa boca fica debaixo de controle restrito, e deixa de liberar aquilo que causa dano aos interesses do Senhor, então podemos esperar que Ele a use como porta-voz. Assim como Ele santificou-se a Si mesmo por nossa causa, por semelhante modo que nos santifiquemos, por causa daqueles para quem Ele nos enviou. Mantenhamo-nos sempre em estado de alerta, separando-nos de todas as ligações que nos envolveriam em conversas que não contribuem para a edificação, pois de outro modo poríamos em risco o ministério que Deus a nós confiou.

6. OBJETIVO

Leitura: *Números 22.7-20; Gênesis 22.1-13; Salmos 32.8,9; Mateus 20.25,26 e Filipenses 1.15-18.*

A subjetividade é outro dos defeitos de caráter de alguns obreiros cristãos, o que produz um efeito adverso em seu trabalho. Já tivemos oportunidade de mencionar uma das direções em que se manifestam os seus maléficos efeitos — a incapacidade de ouvir. Conforme já tivemos ocasião de frisar, é essencial que todo obreiro cristão cultive a habilidade de dar atenção ao que as pessoas têm para lhe dizer; doutra maneira, o obreiro não terá meios de conhecer os seus semelhantes, e, em conseqüência, não poderá servi-los.

Outro efeito prejudicial da subjetividade é a incapacidade de aprender. Uma pessoa subjetiva tem opiniões formadas tão arraigadas que quase não pode ser ensinada. Quando certos jovens se lançam ao trabalho cristão imaginam que já sabem tudo quanto se pode saber, e mostram-se tão apegados às suas idéias que é quase impossível fazê-los aprender alguma coisa, pelo qual motivo o progresso deles também é dolorosamente lento. A incapacidade de aprender é um dos mais trágicos aspectos da subjetividade. Se alguém não pode aprender, que possibilidade de progresso pode haver? Se pudermos ser inteiramente libertados de nossa relutância em aceitar a instrução, para que a aceitemos sem hesitação, então seremos capazes de passar rapidamente de uma lição para outra. Existem lições intermináveis a serem aprendidas no campo espiritual, e, assim sendo, devemos estar preparados para receber subsídios de muitas direções diversas. A menos que nos tornemos melhores aprendizes, faremos um progresso pateticamente ínfimo, até mesmo durante todo o decurso de nossas vidas.

O segredo do progresso espiritual e a receptividade para com Deus, sendo essa uma razão por que devemos abrir-Lhe com

franqueza nosso coração, mente e espírito, para que as impressões divinas possam chegar até nós; pois se falharmos nisso, ficaremos tão impassíveis ante as impressões que Ele terá de usar da espora e do freio, ou dos açoites do látego, a fim de tornar-nos cônscios de Sua presença e propósito. A incapacidade de receber orientação é uma das conseqüências do estado subjetivo, pois a subjetividade cerra o nosso ser para Deus. No capítulo vinte e dois de Números lemos acerca de Balaão, o qual, quando Balaque lhe ofereceu presentes, contanto que ele amaldiçoasse aos filhos de Israel, não se comprometeu, mas declarou: "Ficai aqui esta noite, e vos trarei a resposta, como o Senhor me falar". Mas Deus lhe disse: "Não irás com eles". De conformidade com essas palavras, Balaão se levantou pela manhã e respondeu aos príncipes de Balaque: "Tornai à vossa terra, porque o Senhor recusa deixar-me ir convosco". Poderia haver algo mais claro do que isso? E no entanto, quando Balaque pressionou novamente o seu pedido, Balaão replicou: "Rogo-vos que também aqui fiqueis esta noite, para que eu saiba o que mais o Senhor me dirá". E o registro sagrado diz; "Veio, pois, o Senhor a Balaão, de noite, e disse-lhe: Se aqueles homens vierem chamar-te. levanta-te. vai com eles". Quando Balaão apresentou sua segunda consulta a Deus, por qual motivo Deus lhe permitiu a ida. visto que por ocasião da primeira consulta lhe recusara terminantemente a permissão de ir? É que quando Deus respondeu a Balaão de modo tão inequívoco, ele deveria ter aceitado a resposta do Senhor como algo final, sem jamais reabrir a questão. O fato que a reabriu mostrou a sua subjetividade. Viera ostensivamente saber qual a vontade de Deus, mas sua mente já estava resolvida. Sabia o que queria fazer, e estava disposto a fazê-lo.

Deus exige que aceitemos prontamente a Sua Palavra. Se Ele nos disser "Vai", devemos ir sem demora. A dificuldade que as pessoas subjetivas enfrentam é que se Deus lhes disser "Vai", estão sempre tão fixas em suas próprias idéias que será mister muito tempo antes que possam ajustar-se à Sua ordem; e, se eventualmente obedecerem, ficarão tão fixas na idéia da ida que não poderão obedecer prontamente se Deus lhes ordenar "Pára". E terão de atravessar novo processo de acomodação antes que possam obedecer.

Se Deus lhes ordenar que vão, poderão vocês abandonar tudo para que obedeçam imediatamente? E, tendo obedecido ao Seu mandamento e ir, e estando preparados para continuar, poderão vocês estacar instantaneamente se Deus emitir a ordem de estacar? Se vocês são pessoas subjetivas, será muito difícil vocês partirem, pois primeiramente vocês terão de ver-se a braços com as suas próprias idéias; e, uma vez que aceitem a ordem de Deus para partir, fixar-se-ão nessa ordem, e haverá outra batalha antes que desistam da idéia de prosseguir, se Deus ordenar que parem. Quando o crente se torna maleável em Suas mãos, há uma reação positiva imediata para com qualquer nova indicação de Sua vontade.

No sacrifício de Isaque, oferecido por Abraão, encontramos bela ilustração sobre um homem que foi libertado de si mesmo. Se Abraão houvesse consultado a sua própria experiência, quando Deus lhe pediu que Lhe oferecesse Isaque, ele jamais teria obedecido. Provavelmente teria raciocinado nos seguintes termos: Eu não tinha filhos, e a possibilidade de ter um filho nunca me ocorreu. Foi Deus quem tomou a iniciativa nesta situação impossível; e foi Ele quem a previu. Como pode Ele agora anular o Seu próprio propósito, exigindo de mim que Lhe ofereça Isaque? Se uma pessoa dotada de atitude subjetiva fosse solicitada a enfrentar tal desafio, quais razões não teria apresentado para não cumprir a ordem de Deus! Mas a vida de Abraão, em contacto com Deus, se tornara tão simples que nem mesmo um tão imenso desafio lhe pareceu problemático. Ele creu que Deus cuidaria de Seu próprio propósito, ressuscitando a Isaque dos mortos, e, desse modo, em simplicidade de fé, colocou seu filho sobre o altar e ergueu o cutelo, a fim de sacrificá-lo. Foi exatamente naquele instante que Deus ordenou a Abraão que suspendesse o golpe, e foi então que lhe mostrou um carneiro que poderia ser oferecido em lugar de seu filho. Ora, se Abraão tivesse sido um crente subjetivo, isso lhe teria apresentado um novo problema; sem dúvida teria ficado perplexo e estupefato, pois como lhe seria possível discernir a vontade de Deus se, em um momento Deus lhe dizia para fazer uma coisa, mas logo em seguida lhe ordenava justamente o oposto? Para Abraão, entretanto, tudo isso pareceu perfeitamente simples e direto. Quando Deus lhe deu a ordem de

oferecer o seu filho, imediatamente ele aceitou o encargo e se preparou para oferecê-lo; e quando Deus ordenou que ele sustivesse o movimento do braço e oferecesse um substituto, sem fazer uma única pergunta Abraão obedeceu. A obediência instantânea de Abraão não deixava margem para perplexidades.

Quando Deus pede de alguns crentes que sacrifiquem isto ou aquilo por Sua causa, imediatamente se põem a pensar em toda sorte de problemas relacionados com a Sua Palavra; e, se no decurso do tempo, conseguem solucionar seus problemas para oferecer-Lhe o sacrifício solicitado, caso Deus venha a pedir-lhes que estaquem, novos problemas surgirão em suas mentes sobre como poderão obedecer de maneira coerente. A simplicidade da vontade revelada de Deus vê-se assim complicada, devido à complexidade da própria maneira de pensar dos tais, e o resultado é que se houver obediência ela será tardia e laboriosa. Se fixarmos os nossos pensamentos à vontade de Deus, então, quando uma ordem Sua for alterada, nossos pensamentos permanecerão fixos, e essa fixidez mental nos impedirá de fazer com simplicidade o que Ele nos ordena.

Lemos em Salmos 32.8,9: "Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as minhas vistas, te darei conselho. Não sejais como o cavalo ou a mula, sem entendimento, os quais com freios e cabrestos são dominados; de outra sorte não te obedecem". Até os cavalos e as mulas podem ser compelidos a fazer aquilo que os seus proprietários quiserem (embora não sem algum controle externo), mas Deus jamais tencionou dirigir os Seus filhos dessa maneira. O cavalo e a mula são "sem entendimento", mas os filhos de Deus têm uma tal relação íntima com Ele que até mesmo um olhar deveria ser suficiente para que o Seu desejo fosse reconhecido por eles. O conhecimento da vontade de Deus não é uma questão que se resolva por haver-se achado o método certo, mas é antes a questão de haver-se encontrado o homem certo. Se o indivíduo não for correto para com Deus, nenhum método funcionará para que a vontade de Deus lhe pareça clara; entretanto, se o crente mantiver correta relação com Ele, o conhecimento de Sua vontade será uma questão simples. Isso não elimina os métodos, mas deveríamos enfatizar que apesar do mais completo conhecimento de

todos os métodos mediante os quais Deus possa querer fazer conhecida a Sua vontade, continuaremos a ignorá-la, se não estivermos andando intimamente com Ele.

Outro ponto que deve ser observado no tocante à subjetividade é que a menos que nosso ego tenha sido desnudado por Deus e tenha sido drasticamente modelado, jamais seremos instrumentos apropriados em Suas mãos para tratar com outras vidas. Deus não entregará o manuseio de homens a um indivíduo que ainda não foi moldado pelas Suas mãos. Não é possível que aquele que ainda não aprendeu a discernir a vontade de Deus e a cumpri-la seja usado por Ele para conduzir outras pessoas no caminho de Sua vontade. Se um obreiro cristão em quem o ego permanece dominante, procurar instruir a outros no caminho de Deus, por mais que ele possa doutrinar, o seu próprio fundo intelectual e emocional inevitavelmente se expressará e obscurecerá o caminho. Consciente ou inconscientemente, tal obreiro procurará dominar outras vidas. Quer intencionalmente ou não, ele imporá sobre elas as suas próprias opiniões, e exigirá que elas digam o que ele diz e que ajam como ele age. Poderá apresentar-se como grande líder do povo de Deus, ou como um grande mestre, ou como admirável pai do rebanho; mas, por impressionante que pareça ser a sua liderança, ele não poderá exprimir a autoridade divina, porquanto a sua vida estará sendo dominada por sua própria vontade, e não pela vontade de Deus. Nosso Senhor declarou: "Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiorais exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós" (Mateus 20.25,26). Se tivermos de ser bons pastores, o Senhor nos terá de rebaixar muito, porquanto nossas naturezas dominadoras tendem mais a dispersar o rebanho do que a ajuntá-lo.

Cumpre-nos aprender a não dominar aqueles que nos foram confiados, a não conduzi-los além de sua habilidade de seguir. Se tivermos no coração uma imposição do Senhor, devemos transmiti-la com fidelidade, não ousando insistir, entretanto, que os outros aceitem a mensagem que proclamamos. Lembremo-nos de que Deus respeita o livre arbítrio que Ele mesmo conferiu ao homem; e, se Ele jamais usa de coerção para com o homem, como ousaríamos nós

fazê-lo? Aprendamos a viver brandamente na presença Dele, não nos exibindo perante os homens, ansiosos por desempenhar o papel de líderes. Não devemos reputar como motivo de auto-satisfação quando as pessoas estiverem prontas para ouvir o que lhes temos a dizer, mas, pelo contrário, isso nos deveria chegar mais para perto do Senhor, em temor e tremor, levando-nos a dar a maior atenção possível àquilo que Ele nos quiser dizer. Sem importar quão intensas sejam as nossas convicções, devemos aprender a desconfiar de nós mesmos, pois todos nos inclinamos para o erro; e quanto mais seguros nos sentirmos em nós mesmos tanto mais facilmente nos poderemos desviar. Um dos perigos próprios da subjetividade é que nossa confiança própria nos torna ansiosos por liderar a outros, e quanto maior for o número de seguidores que possamos atrair, tanto maior se tornará a nossa confiança própria; e o resultado disso será que ficaremos cada vez menos capazes de receber ajuda de terceiros ou de discernir a mão liderante do Senhor.

Os crentes dessa espécie só podem operar sozinhos. Por estarem fixos em seus próprios caminhos, não podem ajustar-se aos seus semelhantes e, portanto, não podem funcionar em qualquer capacidade coletiva. Jamais se submeteram a qualquer autoridade espiritual e, visto que nunca aprenderam a sujeitar-se à autoridade, não podem agora exercer verdadeira autoridade. Muitos crentes, desde o início de sua história até o presente, nunca souberam o que significa sujeitar-se a qualquer de seus irmãos na fé. Visto nunca haverem aprendido o que significa ser conduzido, Deus não pode entregar em suas mãos a tarefa de liderarem a outros.

Irmãos e irmãs, observai com atenção este fato que se alguém se oferece para o serviço cristão, mas anteriormente não teve ocasião de aprender a ser submisso, mostrar-se-á cristalizado em seus próprios caminhos e estará perenemente pronto para tomar a iniciativa e para liderar a seus companheiros; ao passo que aquele que já aprendeu a submissão, através de severa disciplina, manter-se-á firmemente estabelecido no Senhor, mas não procurará dominar aos seus pares. Confio em que nenhum de vocês se mostrará inflexível, mas que cederá aos seus irmãos na fé, dando-lhes o direito de exercerem o seu livre arbítrio em tudo. Devemos ter cuidado para

que não lhes furtemos o seu livre arbítrio, uma faculdade que lhes foi outorgada por Deus, o que estaremos fazendo se lhes impusermos as nossas próprias convicções.

Enquanto um crente que se caracteriza pela subjetividade for deixado isolado, o seu individualismo não se manifestará. Mas, ponha-se o mesmo junto com alguns poucos irmãos na fé, e imediatamente ele assumirá a liderança. Ou coloque-se uma irmã que tenha forte tendência para a subjetividade, em um lugar com outra irmã, e dentro em breve aquela estará dizendo à sua companheira que tipo de alimentos se deve comer, que estilo de roupas se deve usar, e que tipo de colchão é mais propício para conciliar o sono. Contanto que apenas uma delas tenha fortes idéias próprias, a vida entre elas será possível; porém, se ambas tiverem idêntica disposição, não se passará muito tempo antes que elas cheguem a um impasse.

Já tivemos oportunidade de frisar a necessidade de cedermos aos nossos semelhantes, quando vivemos e trabalhamos juntos; mas isso não significa submissão indiscriminada, nem quer dizer que devamos tolerar o mal em silêncio. Na qualidade de servos do Senhor, compete-nos ser fiéis, e a fidelidade, algumas vezes, exigirá que exortemos, que advirtamos, ou que repreendamos. Algumas vezes teremos que tratar os outros com firmeza, porque não ousaríamos tolerar aquilo que está errado; mas aqueles com quem o Senhor já tratou tratarão os outros com fidelidade, para com eles e para com Deus, e não por causa de algum desejo inato de dominar outras vidas.

Paulo era um líder nato, mas também era homem preparado pelo Senhor. Ao desincumbir-se de seu ministério, algumas de suas afirmações eram "graves e fortes"; Ele sabia ser mordaz em suas denúncias contra o mal, mas também podia mostrar-se gentil até à ternura, com os fracos e equivocados. Sabia acusar os mestres falsos nos termos mais vigorosos, mas também era tão emancipado de si mesmo que foi capaz de escrever: "Alguns efetivamente proclamam a Cristo por inveja e porfia; outros, porém, o fazem de boa vontade; estes, por amor, sabendo que estou incumbido da defesa do evangelho; aqueles, contudo, pregam a Cristo por discórdia,

insinceramente, julgando suscitar tribulação às minhas cadeias. Todavia, que importa? Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade, também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei" (Filipenses 1.15-18). Podem ver vocês o equilíbrio perfeito na vida de Paulo? Ele sabia alegrar-se se os homens acolhessem a sua mensagem e andassem como ele mesmo andava, mas também continuaria a regozijar-se se eles rejeitassem a sua mensagem e lhe armassem oposição. A fidelidade exige uma atitude intransigente e uma linguagem intransigente; mas se a linguagem de Paulo, vigorosa como era, provocava antagonismo contra ele, o apóstolo não recebia isso como uma afronta pessoal, mas podia prosseguir jubiloso no fato que eles estavam anunciando a Cristo. A pessoa inclinada para a subjetividade fica obcecada pelas suas próprias idéias e vive a defendê-las, e facilmente se ofende se as suas sugestões não forem seguidas; mas aquele que tem aceitado constantemente a correção hesita em assumir a liderança e evita o perigo de manipular outras vidas. O homem que se apega aos seus próprios pensamentos e caminhos é tacanho e intrometido, mas o homem que já aprendeu a encurvar-se debaixo da mão castigadora de Deus, tem-se expandido por meio da pressão, e é homem de coração grande e de horizontes amplos.

Sintetizando o que temos dito, se o propósito do Senhor houver de ser realizado por nosso intermédio, então devemos ser libertados de toda a subjetividade, e isso só poderá tornar-se uma realidade na medida em que Lhe dermos permissão para que nos tome pela mão e que nos amolde sem qualquer indulgência, pois o nosso próprio ego é o ponto crucial do problema. Em algumas vidas isso se torna mais evidente do que em outras, mas nenhum de nós está imune a essa dificuldade. Continuamos dotados de nossas próprias opiniões e de nossos próprios meios de agir, e ainda continuamos tendo a tendência de controlar outras vidas. Por conseguinte, humilhemo-nos debaixo da mão de Deus, a fim de que Ele nos torne intransigentemente fiéis em todo o nosso ministério, ao mesmo tempo que sejamos gentis de espírito e sempre prontos a ceder terreno ante outros membros de Sua família.

7. CAPAZ DE DISCIPLINAR O PRÓPRIO CORPO

Leitura: / *Coríntios 9.23-27; II Coríntios 11.27; I Coríntios 4.11-13 e Romanos 8.11.*

Escrevendo aos crentes de Corinto, declarou Paulo: "Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele. Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. Todo atleta em tudo se domina; aqueles para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado" (I Coríntios 9.23-27).

No versículo vinte e três, Paulo se apresenta como servo de Deus, como pregador do evangelho. "Tudo faço por causa do evangelho", diz ele; e, tendo-nos desvendado qual a atitude intransigente que ele adotara para consigo mesmo, a fim de atingir o seu objetivo - "esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão" — ele prossegue a fim de esclarecer como punha em efeito essa determinação que tinha de manter domínio sobre o seu próprio corpo.

Desde o início queremos deixar bem claro que o escritor da epístola aos Coríntios não era algum asceta. Ele não se aliava àqueles que ensinam que o corpo é um fardo do qual nos devemos procurar desvencilhar, e muito menos ainda que o corpo seja a fonte do mal. Pelo contrário, nessa mesma epístola Paulo declara que o corpo do crente é santuário do Espírito Santo, e que se aproxima o dia quando a redenção dos nossos corpos tornar-se-á uma realidade, porquanto então teremos corpos glorificados. Nenhum traço de ascetismo deve macular o conceito cristão de "esmurrar o próprio corpo". Repudiamos o pensamento que diz que o corpo nos serve de entrave,

ou que seja a fonte originária do pecado; mas reconhecemos, de modo bem definido, que podemos pecar por meio do corpo, e que podemos continuar pecando, sem importar o rigor com que tratemos de nosso corpo.

Nesse nono capítulo da primeira epístola aos crentes de Corinto, Paulo confronta os obreiros cristãos com o desafio que deveriam tornar seus corpos subservientes aos seus próprios interesses, na qualidade de servos de Cristo. Foi na capacidade de obreiro cristão, de pregador do evangelho, que Paulo abordou o problema, e foi no interesse do evangelho que procurou solucioná-lo. E temos aqui a solução por ele apresentada - "Esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão". O vocábulo "esmurro" não é um termo suave; não há nenhuma sugestão de que Paulo usava de meias medidas consigo mesmo.

Paulo deixou perfeitamente esclarecido de que maneira esmurrava seu próprio corpo e o controlava, Porquanto esse tema é de importância vital para todo obreiro cristão, observemos com cuidado o que ele tem a dizer acerca da questão. Em sua aplicação prática da questão às vidas dos servos do Senhor, o apóstolo usa a ilustração de uma pista de corridas. "Não sabeis vós", pergunta ele no versículo vinte-e-quatro, "que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis". Nem todos quantos participam de uma corrida se saem vencedores, declara Paulo; e em seguida exorta aos seus leitores para que corram de modo a conquistar o prêmio. E como pode ser isso conseguido é o que ele explica no versículo vinte e cinco, baseando a sua metáfora nos jogos olímpicos. "Todo atleta em tudo se domina". Paulo salientava a necessidade de auto-disciplina por parte de cada competidor. Aqueles que competiam pelo prêmio tinham de manter rigoroso controle sobre si mesmos. Durante o período de treinamento, antes das competições, não podiam comer o que bem desejassem, nem quando desejassem; muitas coisas que seriam normalmente permitidas, a eles lhes eram vedadas. E quando entravam na corrida propriamente dita, tinham de seguir regras inflexíveis; pois de outro modo seriam desqualificados.

Vocês talvez digam: Preciso disto e tenho de possuir aquilo. Muito bem! Se vocês não são competidores nos jogos, poderão obtê-las; mas, caso vocês sejam competidores, serão obrigados a manter sob controle absoluto o próprio corpo. Que significam as palavras "em tudo se domina"? Significa que o corpo não tem a permissão de impor exigências excessivas; a liberdade deles tinha de ser restringida. O corpo não era levado à pista de corridas para satisfazer suas exigências quanto a alimentos, bebida, vestuário ou sono; mas era para ali conduzido, a fim de realizar uma função - correr, e correr de maneira tal que conquistasse o prêmio. Paulo continuou o seu raciocínio com base nessas mesma ilustração: "Aqueles para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível". O vencedor dos esportes olímpicos era coroado com uma coroa de louros que logo murchava, e, no entanto, se sujeitava a rigorosíssima disciplina, e isso durante longo período, a fim de conquistá-la. Que auto-domínio não deveríamos nós exercer, a fim de conquistar uma coroa incorrutível?

"Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar", declara Paulo, dando prosseguimento ao seu tema. Ele não se sujeitava a tão rigorosa disciplina em troca de nada; mas tinha um objetivo claro em vista; corria diretamente para o alvo. Este versículo tem que ser lido juntamente com o próximo. Paulo não corria numa direção e então noutra, nem combatia desvairadamente; todos os seus movimentos eram regulados, já que trazia o seu próprio corpo debaixo de estrito controle, e fora capaz de obter o domínio sobre o mesmo disciplinando-o violentamente.

Irmãos e irmãs, se vocês ainda não conseguiram pôr debaixo de controle o próprio corpo, seria melhor que fizessem uma pausa no trabalho e procurassem obter tal domínio, antes de tentarem exercer autoridade sobre qualquer terreno mais vasto. Talvez vocês tenham grande prazer na obra, mas esta será de pouco valor se vocês ainda são dominados por seus anelos físicos. Servir ao Senhor não consiste meramente de pregar sermões em um púlpito. Paulo sabia disso.

Que se entende por reduzir nossos corpos à escravidão? Para compreender isso, precisamos, primeiramente, entender quais são as

exigências do corpo. Mencionaremos apenas algumas delas — alimentação e vestuário; descanso e recreação; e, em períodos de enfermidade, cuidados especiais. Todas essas exigências são legítimas. Mas o Senhor também apresenta as Suas exigências e, se eu tiver de corresponder a estas últimas, terei de impor determinadas restrições ao meu corpo. Quando o trabalho impõe esforços especiais ao arcabouço físico, este será capaz de suportar a tensão se houver sido constantemente disciplinado; mas, se seus anelos tiverem recebido normalmente a permissão de governar, estará fora de forma quando um serviço árduo lhe for exigido. Se os nossos corpos não tiverem aprendido a nos servir habitualmente, quando conclamarmos nossos membros para que desenvolvam um esforço conjunto na pista de corrida, os pés recusar-se-ão a funcionar, e os demais membros mostrar-se-ão lentos em obedecer às nossas ordens. Se a corrida houver de ser ganha, o atleta não ousará relaxar a sua disciplina sobre o corpo quando não estiver na pista. Se na vida diária e ordinária do obreiro cristão o seu corpo nunca houver sido ensinado a reconhecer o seu senhor, como se poderá esperar que corresponda às exigências extraordinárias que às vezes lhe serão impostas, por causa da obra do Senhor? É somente quando impomos persistentemente a nossa autoridade que os nossos corpos finalmente tomar-se-ão obedientes. Se, na vida diária, nossos corpos tiverem adquirido o hábito da obediência, então poderemos contar com eles, pois nos servirão fielmente sob circunstâncias de pressão excepcional.

Permitam-me perguntar: Vocês são os senhores de seus corpos, ou são antes seus escravos? Eles se submetem às suas ordens, ou vocês cedem perante os seus desejos?

Nossos corpos exigem regularmente o repouso do sono, e essa exigência é legítima. Deus dividiu o tempo em dia e noite, a fim de prover ao homem a oportunidade de descansar; e se o homem desconsiderar essa provisão divina, não poderá fazê-lo impunemente. Por outro lado, se o indivíduo permitir que o seu corpo assuma o controle, deixando-o dormir sempre que se sinta inclinado a isso, dentro em pouco tornar-se-á um homem preguiçoso e lerdo para o trabalho. Normalmente, é razoável permitir que o corpo descanse durante oito horas por dia. Entretanto, quando os interesses do

Senhor assim o exigirem, talvez tenhamos de reduzir as horas de descanso, ou mesmo adiar inteiramente o sono por uma noite ou duas. Naquela noite em que se dirigiu ao jardim do Getsêmani, o Senhor Jesus levou Consigo a três discípulos selecionados, e lhes disse: "A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo". Todavia, ao retornar da oração, encontrou-os dormindo, e disse a Pedro: "Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo? " Não, não puderam vigiar em companhia de nosso Senhor nem ao menos por uma hora; o sono os havia dominado inteiramente. Que há de errado em se querer dormir à noite? Nada. Entretanto, se o Senhor requerer de nós que vigiemos com Ele, mas preferirmos obedecer aos impulsos do corpo, ao invés de Lhe sermos obedientes, então teremos falhado como servos Seus. Isso não quer dizer que possamos passar indefinidamente sem o repouso do sono, porquanto somos seres humanos e não espíritos; mas significa que se tivermos de satisfazer à necessidade do Senhor devemos manter nosso corpo constantemente debaixo de controle, a fim de que se torne acostumado com a fadiga.

Que significa "correr"? Significa fazer algo de excepcional. Normalmente andamos passo a passo, mas numa corrida o corpo é conclamado a despender um esforço extra. Como regra geral, podemos permiir-nos oito horas de sono, mas, sempre que o serviço do Senhor assim o exigir, devemos estar preparados para abreviar o nosso período de descanso; e é então que nos convém esmurrar o próprio corpo. Quando nosso Senhor encontrou Seus discípulos a dormir, após ter-lhes feito o pedido especial que vigiassem, Ele desnudou o problema, dizendo: "O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca". De que nos adianta ter um espírito voluntário se a carne for incapaz de realizar aquilo que o espírito quer? Se a carne for fraca, nem mesmo um espírito disposto poderá mantê-la desperta. Se vocês tiverem de vigiar em companhia do Senhor, quando Ele assim o exigir, precisarão tanto de um espírito bem disposto como de um corpo bem disposto. O corpo não é um obstáculo, mas é um servo que precisa ser treinado a fim de que nos sirva bem; e esse treinamento precisa ter lugar sob circunstâncias ordinárias, a fim de

que esteja sempre preparado para satisfazer às exigências das circunstâncias excepcionais.

Nicodemos veio falar com o Senhor à noite, e o Senhor pôde falar com ele descansadamente, apesar da hora adiantada da noite; e os evangelhos registram que, ocasionalmente, o Senhor passava noites inteiras em oração. Ele estava preparado para permitir que o Seu ministério interferisse em Suas horas de sono, e nós devemos estar dispostos a fazer outro tanto. Não estamos advogando que os obreiros cristãos criem o hábito de passar noites em oração. Substituir o dia pela noite e gastar continuamente as horas noturnas em oração só pode desgastar o corpo e a mente, pois é algo anormal; entretanto, é normal que os servos do Senhor nunca sacrifiquem o seu sono devido o serviço a Ele prestado? Se, na questão do repouso do sono, deixarmos o corpo fazer o que quiser, não resistiremos quando lhe tentarmos impor alguma restrição e enfrentarmos alguma exigência especial em nosso trabalho.

O mesmo princípio se aplica à questão da comida e da bebida. Devido a circunstâncias especiais, nosso Senhor podia abster-se de alimentos, mas sabia comer bem quando não havia necessidade de abstinência. Seu corpo tinha de ser-Lhe obediente. Algumas pessoas dependem de tal modo da comida que não podem trabalhar se tiverem de ficar com fome. Sem dúvida, precisamos de alimentos e não ousamos ignorar as nossas necessidades físicas; mas o corpo tem que ser treinado para passar sem alimentos, quando as circunstâncias assim o exigirem. Vocês devem estar lembrados da ocasião quando o Senhor se assentou ao lado do poço de Jacó a fim de descansar um pouco, quando então entrou em contacto com uma mulher em grande necessidade espiritual. Era hora de certa refeição, mas o Senhor ignorou a Sua própria necessidade física, e com grande paciência explicou-lhe como a necessidade espiritual dela poderia ser satisfeita. Se chegarmos com fome em algum lugar, e nada pudermos fazer ali enquanto não nos alimentarmos, é que os nossos corpos não nos estarão servindo como convém. Sem sermos extremistas, certamente devemos controlá-los ao menos nesse ponto, pois, se por causa do trabalho tivermos de dispensar alguma refeição, doutra maneira os nossos corpos nos dominarão com seu insistente clamor da fome.

No terceiro capítulo do evangelho de Marcos lemos que o Senhor se viu cercado de uma tão numerosa multidão de pessoas necessitadas que não Lhe sobrava tempo para comer. Seus amigos reagiram, procurando retirá-Lo do meio da multidão, porquanto diziam haver Ele perdido o juízo; mas Ele não podia fazer outra coisa senão adiar a satisfação de suas próprias necessidades físicas por algum tempo, até que a premente necessidade das multidões houvesse sido atendida. Se vocês e eu jamais pudermos suspender uma refeição quando a obra exigir nossa atenção imediata, então faremos bem pouco trabalho eficaz. Nessas oportunidades devemos refrear nossos próprios corpos, a fim de que não assumam o controle, e assim os interesses do Senhor venham a sofrer detrimento. A Bíblia afirma claramente que os crentes devem jejuar quando a ocasião assim o requerer. Algumas vezes uma necessidade especial requer um período prolongado de oração, que não dá margem para que o crente se alimente, e, quando nos defrontamos com alguma circunstância em que não devemos parar de orar e jejuar, então devemos recusar, temporariamente, a satisfazer às exigências racionais do corpo.

Outra exigência do corpo é o conforto. Não devemos acusar o obreiro que gosta de certa medida de comodidade quando as circunstâncias o permitirem; entretanto, deveríamos deplorar a incapacidade que certas pessoas têm de corresponder à convocação para o trabalho, se este não for acompanhado pelas comodidades a que elas estão acostumadas. Os servos do Senhor deveriam ser capazes de desfrutar do repouso que consiste de condições mais fáceis, quando o Senhor assim o determinar; e aqueles que, a despeito do fato que estão confortavelmente situados na vida, esmurram habitualmente o corpo, serão mais capazes de se adaptarem a circunstâncias de grande desconforto do que aqueles cuja situação é inferior à deles, mas que, no entanto, não se esforçaram por manter seus corpos em sujeição.

Quanto ao vestuário, este não deve merecer demasiada atenção. O Senhor Jesus disse a respeito de João Batista que se alguém quisesse ver uma pessoa elegantemente vestida, não poderia buscar nele o seu exemplo; que buscassem tal pessoa nos palácios. Alguns

crentes, todavia, infelizmente estabeleceram para si mesmos um padrão elevadíssimo nessa questão do vestuário e insistem em se conformarem a todo o tempo ao mesmo. Afirmamos que não estaremos honrando ao Senhor se usarmos vestes sem decoro, e que, na medida do possível, devemos estar limpos, arrumados e corretamente vestidos; não obstante, não nos deveríamos esquecer do exemplo dado por Paulo, o qual podia dispensar qualquer coisa por amor ao Senhor. Aludindo às suas próprias experiências, escreveu ele: "...em fome e sede, em jejuns muitas vezes; em frio e nudez" (II Coríntios 11.27).

Em períodos de enfermidade ou fraqueza, o corpo faz maiores exigências do que comumente, e, sob tais circunstâncias, muitos obreiros cristãos não trabalham e se sentem justificados. Como é que Paulo poderia ter cumprido o trabalho que lhe foi confiado se estacasse sempre que não se sentisse com boa disposição? E que teria acontecido ao ministério de Timóteo se ele tivesse acomodado o seu corpo quando sofria de suas "freqüentes enfermidades"? É necessário que cuidemos razoavelmente de nós mesmos, tanto na enfermidade quanto na saúde; mas isso não elimina a necessidade de esmurrar o corpo e de mantê-lo em escravidão. Até mesmo em períodos de enfermidade e dor intensas, se O Senhor assim ordenar, poderemos recusar ouvir a todos os clamores físicos e ser-Lhe obedientes. Se quisermos ser úteis nas mãos do Senhor, é imperativo que obtenhamos completo domínio sobre estes nossos corpos.

Esse princípio deve ser aplicado aos desejos sexuais, como também a todos os demais impulsos físicos. Se somos servos de Cristo, então o Seu serviço deve receber prioridade acima de tudo o mais. Em 1Coríntios 4.11-13, diz Paulo: "Até á presente hora sofremos fome, e sede, e nudez: e somos esbofeteados, e não temos morada certa, e nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, procuramos conciliação; até agora temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos". É óbvio que os múltiplos sofrimentos de Paulo na carne não se confinaram a um período isolado de sua vida, e que coisa alguma jamais teve permissão de impedir seu serviço ao Senhor. No sexto

capítulo dessa mesma epístola, desde o versículo doze até o fim, ele faz alusão a duas questões - a questão dos alimentos e a questão do sexo — e deixa perfeitamente claro que somos servos do Senhor, e não servos do corpo. Então, no sétimo capítulo, ele aborda o assunto do sexo com alguns detalhes, enquanto que no oitavo capítulo o seu tema gira em torno dos alimentos, acentuando que, de modo algum, estamos na obrigação de atender â vontade da carne, pois pertencemos a Cristo e temos o dever de servi-Lo. Por amor a Ele cumpre-nos aprender a dizer "Não" aos nossos desejos físicos, e teremos de reforçar essa negativa com medidas suficientemente drásticas para estabelecer o fato que as rédeas estão em nossas mãos. O Senhor é o Criador do corpo, e Ele o criou dotado de determinados impulsos que são perfeitamente legítimos; mas Ele criou o corpo para ser nosso servo, e não nosso senhor, e enquanto essa verdade não for bem estabelecida não poderemos servi-Lo como convém.

Até mesmo um apóstolo Paulo temia ser desqualificado na corrida, e assim vir a perder o prêmio; por conseguinte, tomava a precaução de subjugar o próprio corpo mediante uma dura e constante disciplina. E que diríamos acerca de nosso Senhor, o qual negou a Si mesmo a mais exaltada glória e se humilhou até às profundezas do sofrimento e do opróbrio perante os homens? Por amor a Ele, não ordenaríamos a estes nossos corpos que nos sirvam, para que possamos servir ao Senhor sem obstáculos? Não lhes comandaríamos que sejam fortes no poder de Sua vida ressurrecta? Não foi Ele mesmo quem disse: "Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que em vós habita"?

8. DISPOSTO A SOFRER

Leitura: / *Pedro 4.1; II Samuel 23.14-17; Apocalipse 2.10.*

Todo obreiro cristão deveria estar mentalmente preparado para o sofrimento. Em I Pedro 4.1, lemos as seguintes palavras: "Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento". Uma atitude mental correta, em relação aos sofrimentos, faz parte do equipamento essencial de todo obreiro cristão.

Há certa escola de pensamento, mui generalizada, que mantém que toda forma de prazer milita contra o desenvolvimento espiritual. Rejeitamos enfaticamente essa filosofia, porquanto a própria Palavra de Deus declara que a porção do povo de Deus é uma porção abençoada. No Salmo oitenta e quatro, podemos ler: "O Senhor dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente". E o conhecidíssimo Salmo vinte e três, diz: "O Senhor é o meu pastor: nada me faltará". Por todas as páginas da Bíblia o amoroso cuidado do Senhor, que nos trata qual pastor, é claramente retratado, e por todas as Escrituras vemo-Loa cuidar fielmente dos que Lhe pertencem, livrando-os das suas aflições e sempre estabelecendo distinção entre o Seu povo e as nações pagãs. Mesmo durante o tempo em que Seu povo escolhido peregrinava no Egito, Ele destacou aquela região da terra onde eles habitavam, para derramar bênçãos peculiares sobre a mesma.

De outra parte, Deus não isenta os Seus filhos das provações ou castigos; em realidade, as provações e os castigos são necessários para garantir-lhes o crescimento até à maturidade. Mas aquilo para o que desejamos chamar a atenção, nesta altura, é um determinado aspecto do sofrimento, com freqüência ventilado na Palavra de Deus, e que consiste da escolha deliberada de Seus filhos, cujo consumidor desejo é o de prestar-Lhe serviço. Não se trata de algo que lhes haja

sido imposto, de algo que tenham aceitado com relutância, e, sim, de algo que eles preferem voluntariamente. Os três heróis de Davi não tinham necessidade de arriscar a própria vida, a fim de trazer-lhe um pouco de água para beber; todavia, quando o ouviram expressar o seu anelo por um gole de água, tirada do poço de Belém, puseram em risco a própria vida e irromperam pelas fileiras do exército filisteu, a fim de satisfazerem ao seu desejo. (Ver II Samuel 23.14-17).

Muito sofrimento existe que poderíamos evitar, se assim o desejássemos; contudo, se tivermos que ser úteis para o Senhor, será fundamentalmente necessário que tomemos a deliberada decisão de palmilhar pela senda do sofrimento por amor a Ele. A menos que assumamos a disposição de sofrer por Ele, o trabalho que realizaremos será de qualidade extremamente superficial.

Que queremos dar a entender quando falamos em estar-se mentalmente preparado para o sofrimento? Em primeiro lugar, estabeleçamos claramente a diferença que há entre sofrer e estar mentalmente preparado para sofrer. Estar mentalmente preparado para sofrer implica em termos escolhido espontaneamente a vereda do sofrimento por amor a Cristo; significa que o nosso coração se dispõe a suportar as aflições por causa Dele. A questão não consiste da intensidade do sofrimento a que porventura sejamos chamados a experimentar, mas consiste de nossa atitude para com o sofrimento que nos cerca. Por exemplo, o Senhor talvez tenha posto vocês em circunstâncias onde contam com boa alimentação e boas vestes, e com uma casa bem mobiliada. Disso não se segue que se vocês tiverem escolhido sofrer por Sua causa, que não poderão continuar desfrutando de todas as dádivas que Ele lhes tiver conferido. A questão não é: Sua situação externa é boa ou má? e, sim: A atitude de seu coração se dispõe a suportar privações por amor a Ele? Talvez que os sofrimentos não sejam a porção diária de nossa vida, mas que estejamos preparados para sofrer a cada dia.

Infelizmente, a massa comum dos crentes, juntamente com muitos obreiros cristãos, parece poder prosseguir esplendidamente enquanto as circunstâncias lhes são favoráveis; mas, no momento em que alguma aflição lhes sobrevêm, estacam de súbito. A dificuldade

é que não estão intimamente preparados para sofrer. Se já nos tivermos decidido a aceitar voluntariamente o caminho do sofrimento por causa de nosso Senhor, então os testes nunca nos apanharão desprevenidos. Se Ele achar por bem dar-nos alívio do sofrimento, isso é questão que só a Ele diz respeito; de nossa parte, entretanto, devemos estar sempre prontos para experimentá-lo. Sempre que nos sobrevier o sofrimento nós o aceitaremos como fenômeno normal; e, visto que não o reputamos coisa estranha, não somos tentados a nos desviarmos do caminho, mas prosseguimos diretamente em direção ao alvo. Observem cuidadosamente as palavras de Pedro: "Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento". Puderam perceber como a disposição mental para sofrer faz parte de uma armadura? Trata-se de um item de nosso equipamento para a luta espiritual, e que reduz Satanás à impotência quando ele nos ataca em qualquer ponto vulnerável. Se nos faltar essa peça da armadura, não estaremos aptos para o conflito.

Existem crentes que suportam os sofrimentos, não tendo, porém, qualquer conceito da preciosidade dos sofrimentos que lhes cabe na vida. Gemem sob o sofrimento sem qualquer senso de gratidão para com o Senhor, e só esperam pelo dia quando puderem ver-se livres do mesmo. Não aceitam a aflição de todo o coração, mas reputam-na como algo deplorável, que tem de ser tolerado. A atitude dos tais demonstra o fato que lhes falta a disposição mental para sofrer.

Irmãos e irmãs, se em períodos de prosperidade vocês não se armarem com o pensamento que se dispõe a sofrer, então, quando forem apanhados pela adversidade, serão incapazes de continuar servindo ao Senhor; entretanto, se estiverem armados com a determinação de sofrer por causa Dele, prosseguirão constantemente, sem importar o que lhes sobrevenha. Não pensem que, quando estiverem passando por aflições, que de fato estão sofrendo por causa do Senhor. A indagação que é mister que seja feita, não é: Por quanto sofrimento eu já passei? Mas é antes: Até que ponto me tenho regozijado ante o sofrimento? É possível para o crente sofrer de intensa perturbação e dificuldades, sem ter a disposição para o sofrimento. A disposição para o sofrimento é algo profundamente

íntimo. Queremos que fique perfeitamente claro, neste ponto, que é perfeitamente possível para o crente estar mentalmente preparado para o sofrimento, ao mesmo tempo em que não experimenta nenhuma provação material; como também é perfeitamente possível atravessar muitas aflições materiais sem estar armado da disposição de sofrer. Se aos crentes fosse oferecida a opção entre sofrer e não sofrer, muitos, por certo, prefeririam a isenção de todo sofrimento, e isso pelo motivo simples que lhes falta o desejo de sofrer pelo seu Senhor. Qualquer obreiro cristão em cuja vida se faça ausente essa disposição no íntimo, sempre estará orando para que lhe sejam proporcionadas circunstâncias favoráveis, a fim de que haja progresso na obra.

No caso de alguns dentre os filhos de Deus, há poucos sinais de adversidade nas suas circunstâncias, ao passo que outros se acham claramente em grande aperto. Mui naturalmente, concluiríamos que estes últimos conhecem a graça do Senhor em maior medida do que os primeiros, e que desenvolveriam um mais rico ministério espiritual. Na realidade, porém, é justamente o contrário que se verifica; e quando nos pomos a examinar de perto a situação, descobrimos que embora alguns sofram tanto, falta-lhes a disposição mental para acolherem o sofrimento, e só desejam escapar de suas provações na primeira oportunidade que se lhes deparar. Os sofrimentos dos tais não têm proveito; eles nada ' aprendem disso.

Uma das dificuldades que com grande freqüência nos confronta no trabalho é a exigüidade dos recursos financeiros. Há ocasiões em que parece que o Senhor nos deixou provisões inadequadas, e decidimos que não podemos continuar. Como será que o Senhor se sente a respeito da nossa reação? Já ouviram-No perguntar: Por qual motivo me estás servindo? Oh, essa indagação nos acha com muita freqüência! Qual é o servo de Cristo que poderia estipular que irá ao trabalho se o sol brilhar, mas que permanecerá em casa se vier a chover? Se vocês forem dotados da atitude mental correta a respeito do sofrimento, nesse caso nada poderá intimidá-los. Serão capazes de desafiar as circunstâncias; desafiarão as enfermidades físicas; desafiarão a morte; desafiarão até as próprias hostes das trevas. Todavia, se vocês não houverem cultivado essa disposição, serão

assaltados pelo temor, em face das dificuldades; e, se abrigarem o temor, cairão como presas fáceis perante o inimigo. Ele lançará contra vocês exatamente aquilo que mais temem, e assim vocês tornar-se-ão vulneráveis ante os seus assédios, visto que a mente de vocês não estará sendo salvaguardada pela determinação de sofrer na carne, tal como Cristo também sofreu. Estamos preparados para dizer-Lhe: "Compelido pelo Teu amor e pela Tua graça que me confere poder, entrego-me ao Teu serviço, quaisquer que forem as conseqüências?" O crente não deve convidar as tribulações, nem sair em busca delas; porém, se elas se atravessarem em seu caminho, ele deve enfrentá-las com a mente já resolvida a suportá-las galhardamente, por amor ao Senhor. Por exemplo, se vocês forem pessoas fisicamente débeis, naturalmente necessitarão de um leito mais confortável do que o precisaria uma pessoa vigorosa; mas, se ao se lançarem na obra do Senhor, fixarem a mente no ponto que precisam de uma cama mais confortável, tornar-se-ão mais vulneráveis ao inimigo nesse particular. Por outro lado, se vocês estiverem mentalmente preparados para sofrer por causa de Cristo, e então o Senhor lhes prover um leito confortável, não haverá mérito algum em evitar o leito para tornarem mais áspera a sua existência, dormindo no chão. Não imaginem que os crentes que vivem em circunstâncias mais desfavoráveis sejam, automaticamente, capazes de suportar com mais facilidade as dificuldades do que aqueles que vivem em condições mais favoráveis. Somente aqueles que, não importando as suas circunstâncias externas — favoráveis ou desfavoráveis — se têm entregue ao Senhor e se têm armado da disposição mental de sofrer, é que serão capazes de se manter firmes no dia da provação. Um irmão acostumado ao conforto, mas que tenha tido uma transação definida com o Senhor e se tenha disposto ao sofrimento por causa Dele, terá muito maior poder para suportar o sofrimento do que qualquer outro irmão, acostumado às privações, mas que não se tenha armado de tal disposição.

Se essa questão não for deliberadamente resolvida, a fraqueza de vocês será fatalmente descoberta um dia, e nesse dia vocês sentirão pena de si mesmos. De certa feita, uma irmã, que vinha servindo ao Senhor durante anos, veio falar com uma outra irmã, a

qual derramava copiosas lágrimas de auto-compaixão, e lhe perguntou: "Por qual razão você está derramando essas lágrimas? " Muitos crentes que parecem dotados de certa medida de tolerância, fracassam quando se confrontam com um teste crucial, visto não terem usado da precaução de se armarem, conforme Deus recomenda em Sua Palavra, e assim, na hora em que são achados em falta, seu orgulho fica ferido e as lágrimas de auto-compaixão começam a correr.

Levanta-se, mui naturalmente, a pergunta: Até que ponto deveríamos estar preparados para sofrer? "Sê fiel até à morte", responde-nos a Palavra de Deus (ver Apocalipse 2.10). Alguns dizem que há o perigo de nos tornarmos extremistas. E assim é, realmente; mas, se vocês se têm armado da disposição mental para o sofrimento, não estarão sempre tentando conservar o meio termo feliz. Poderão, com toda a segurança, deixar a questão de preservar o equilíbrio, se estiverem no perigo de perdê-lo, nas mãos do Senhor e de Sua Igreja.

O que lhes cabe é entregar a vida a Ele, chegando a padecer até à morte, se Ele assim o exigir; e Ele, por Sua vez, haverá de resguardá-los de caírem em extremismos. Se vocês vivem sempre pensando sobre até onde devem prosseguir nessa questão do sofrimento, nunca irão muito longe; serão apanhados no ardil de permitir que a obra sofra, a fim de preservarem a própria vida. A disposição mental para o sofrimento não é uma idéia diluída; mas é uma determinação viril que nos capacita a dizer ao Senhor: "Sim, Senhor, até à morte. Minha vida está à Tua disposição, para que faças dela o que melhor Te parecer". Deus precisa de servos que queiram tratar a sério com Ele, que não hesitem em desistir de tudo, até da própria vida, por Sua causa. Abandonemos todos os nossos cálculos cautelosos e aquele temor deformante de cair em extremismos, e transacionemos com o Senhor com a disposição de servi-Lo a qualquer preço, mesmo que isso signifique a própria morte.

Está registrado, em Apocalipse 12.11, a respeito dos vencedores: "Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram, e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida". Se vocês cumprirem essas

condições, os assaltos desfechados por Satanás contra vocês serão fúteis. Ele se tornará incapaz de vencer a qualquer crente que não busque preservar a própria vida. Satanás zombou da idéia que Jó poderia servir a Deus sem ser impulsionado por qualquer desejo de auto-preservação, e por essa razão, disse ao Senhor: "Tudo quanto o homem tem dará pela sua vida. Estende, porém, a tua mão, toca-lhe nos ossos e na carne, e verás se não blasfema contra ti na tua face!" (Jó 2.4,5). Satanás sabia que poderia vencer a Jó se este estivesse dominado pelo mais leve interesse próprio, e, por esse motivo, pleiteou pela permissão de sujeitá-lo a um teste. O registro do livro de Jó, semelhante àquele que se encontra no livro de Apocalipse, demonstra a impotência de Satanás para vencer àqueles que não dão a menor importância às suas próprias vidas. Há um limite para os nossos sofrimentos, mas não pode haver limite para a nossa disposição de sofrer. Se, nesse particular, impusermos qualquer limite, Satanás, mais cedo ou mais tarde, nos conseguirá derrotar.

Gostaria de perguntar: O que importa é a preservação das nossas vidas ou é a preservação da obra do Senhor? O que tem importância é a salvação de almas ou é a preservação das nossas vidas? O que é de maior importância, salvaguardar os nossos interesses pessoais, ou salvaguardar o testemunho do Senhor na terra?

Oxalá pudéssemos, todos juntos e cada qual em separado, sacudir de nós mesmos o amor próprio, correspondendo afirmativamente ao Senhor segundo Ele nos fosse desafiando, a fim de servi-Lo com exclusividade, visando unicamente os Seus interesses! Se nosso abandono em Suas mãos for completo, então também poderemos experimentar as Suas bênçãos de modo completo.

9. FIEL EM QUESTÕES FINANCEIRAS

Leitura: *Números 22.1-21; Mateus 6.24; II Pedro 2.15; Judas 11; Apocalipse 2.14; II Pedro 2.1-3; I Timóteo 6.3-10 e II Coríntios 8.1-24.*

Qual deveria ser a atitude do obreiro cristão para com as questões de dinheiro? Trata-se de uma pergunta importantíssima, porquanto aborda facetas tão importantes que, a menos que o crente tenha recebido luzes claras a respeito, não poderá sair-se bem, pois nenhum obreiro cristão pode evitar de tocar nas "riquezas".

Desde o próprio início precisamos perceber claramente que as "riquezas" fazem oposição a Deus. Seus servos, por conseguinte, devem manter-se perfeitamente alertas, a fim de que não caiam debaixo de seu poder, porque, se elas chegarem a exercer qualquer domínio sobre as suas vidas, tornar-se-ão incapazes de ajudar o povo de Deus a resistir aos seus ataques insidiosos. Por causa dos problemas universais que se levantam em conexão com o dinheiro, passaremos alguns momentos juntos, falando acerca deles.

Em primeiro lugar, observemos a relação existente entre o dinheiro e a conduta e o ensino ministrado pelo obreiro. No Antigo Testamento, a história de Balaão e as suas relações com o povo de Deus, pode ser referida como ilustração desse ponto, enquanto que no Novo Testamento encontramo-lo como ilustração do mesmo problema. No livro de Apocalipse, lemos acerca da "doutrina de Balaão". Balaão era um profeta que trabalhava em troca de recompensas; comercializava o seu ministério profético. Balaque, rei de Moabe, inclinava-se por destruir o povo terreno de Deus, e alugou os serviços desse profeta, a fim de que os amaldiçoasse. Balaão, entretanto, não ignorava a mente de Deus, e tinha perfeita consciência de que o povo do Senhor era um povo bendito; e, além disso, Deus lhe dissera claramente que não poderia atender à solicitação de Balaque. Todavia, a recompensa oferecida o atraía.

Como lhe seria possível obtê-la? Ele procuraria persuadir a Deus a reverter a Sua decisão declarada. Deus de fato, chegou a dar-lhe a permissão de fazer exatamente aquilo que anteriormente lhe proibira.

Algumas pessoas imaginam erroneamente que esse episódio serve de ilustração sobre como se deve esperar em Deus. Na realidade, Balaão jamais teria consultado a Deus se não fosse a esperança do ganho; e quando o resultado de sua primeira consulta foi uma recusa patente, obviamente não havia necessidade de uma segunda consulta. Quando Deus, finalmente, permitiu que Balaão acompanhasse os príncipes enviados por Balaque, isso não significava que Ele tivesse aprovado a missão de Balaão, mas simplesmente serviu isso de demonstração que permitia que Balaão seguisse o caminho que ele mesmo escolhera. Não pode haver dúvidas que Balaão foi um profeta, mas ele permitiu que a sutil influência do dinheiro afetasse o seu ministério e o desviasse para tão longe.

Todo obreiro cristão que ainda não resolveu em sua vida a questão financeira, corre o perigo de se desviar em busca das riquezas. Nesse caso, quando tiver de resolver onde deverá trabalhar, certamente se deixará influenciar pelas considerações de dinheiro. Se não contar com o apoio financeiro em seu lugar, certamente se dirigirá para outro. Sendo obreiro cristão, naturalmente buscará orientação divina acerca de para onde se deverá dirigir, mas a sua inclinação por certo penderá para o lugar onde o sustento for garantido. Quando oramos ao Senhor, pedindo orientação, nossa vida natural pode guiar-nos para que aceitemos lugares onde não haja falta de fundos, dando escassa atenção aos distritos pobres ou às pessoas sem recursos. Certa vez observou um idoso crente: "Quantos dos servos do Senhor se regem pelas considerações financeiras! Vejam quantos distritos pobres não contam sequer com um obreiro residente, ao passo que as áreas mais privilegiadas não se ressentem da falta deles". Essas observações são rudes, mas são tragicamente verdadeiras. Infelizmente, muitos obreiros cristãos andam no "caminho de Balaão". Seus passos se dirigem na direção do lucro, ao invés de se orientarem pela vontade de Deus, e, por isso mesmo,

quando passam pela forma usual de buscar a Sua confirmação para o caminho que eles mesmos escolheram, o Senhor lhes diz: "Vão".

Todo autêntico servo de Deus deve ser homem completamente livre da servidão ao dinheiro. "Ninguém pode servir a dois senhores... Não podeis servir a Deus e às riquezas" (Mateus 6.24). Isso de buscar a orientação de Deus quando, de fato, nos deixamos guiar pelas vantagens materiais, é uma indignidade. Se o Deus a quem servimos é o Deus vivo, não podemos seguir com confiança para onde Ele nos determinar? E se Ele não é o Deus vivo, por que não desistimos de todas as tentativas de servi-Lo? Oh, que vergonhosa é a situação de qualquer crente que, sob a capa de estar servindo a Cristo, na realidade serve aos seus próprios interesses!

Pedro, referindo-se, em sua segunda epístola, a certos indivíduos que palmilham pelo "caminho de Balaão", escreveu: "...tendo coração exercitado na avareza... abandonando o reto caminho, se extraviaram, seguindo pelo caminho de Balaão... que amou o prêmio da injustiça" (2.15). Irmãos e irmãs. Deus descortinou à nossa frente o "reto caminho", e devemos ter o cuidado de não nos desviarmos dele, a fim de não tomarmos o "caminho de Balaão". Pedro descreve as pessoas que andam por esse caminho como aqueles que têm o "coração exercitado na avareza". O problema basilar está arraigado no coração. Quando se desenvolveu secretamente no coração o hábito da avareza, então a mão se estende após a recompensa, e os pés começam a desviar-se do caminho do Senhor. No caso de Balaão, não aconteceu tudo num único momento, e não havia, no princípio, qualquer indicação acerca da sua dificuldade. Mesmo depois de seu coração haver-se "exercitado na avareza", o desvio no íntimo, para longe do Senhor, se disfarçou sob a forma exterior da consulta a Ele. A Palavra de Deus informa-nos que Balaão "amou o prêmio da injustiça". Ele se apegou aos presentes que lhe foram oferecidos, e o seu coração já estava apegado a eles quando disse aos príncipes que não poderia aceitá-los sem primeiro saber qual era a vontade divina; não obstante, prometeu: "E vos trarei a resposta, como o Senhor me falar" (Números 22.8). Quão espirituais soavam aquelas palavras! Porém, o coração de Balaão estava "exercitado na avareza", pelo que quando

Deus lhe recusou a permissão de fazer aquilo que o levaria a receber o cobiçado prêmio, ele encobriu a sua avareza com uma fraseologia pia, ao falar com os emissários de Balaque, e então tornou a fingir espiritualidade, ao consultar novamente a Deus. Balaão adquiriu o que desejava, mas com que horrendo sucesso! O hábito mau que ele vinha cultivando cresceu e se tornou num caminho aberto — o "caminho de Balaão".

Irmãos e irmãs, podem vocês acompanhar a senda da cobiça? A menos que a graça de Deus nos capacite a corrigir essa perigosa condição no íntimo, cada vez mais nos aproximaremos da sutil escravidão às riquezas, até sermos, finalmente, engolfados em seu poder.

Judas, escrevendo a respeito de certos indivíduos que se tinham desviado, diz sobre eles que, "movidos de ganância, se precipitaram no erro de Balaão". Essa qualidade de gente em nossos dias não somente anda por esse caminho, mas, na realidade, precipita-se pelo mesmo, e esse é o caminho do "erro".

No livro de Apocalipse, João escreve a uma das sete igrejas nos termos seguintes: "Tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem cousas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição" (2.14). Por essa passagem compreendemos que existe não só um "caminho de Balaão", mas que também existe a "doutrina de Balaão".O coração que abriga pensamentos cobiçosos não aceita a correção, e assim o desejo de lucro se transforma num hábito fixo; e o hábito oculto dentro em pouco termina por expressar-se externamente; e assim o caminho se vai tornando cada vez mais definido, até que se desenvolve na forma de uma doutrina formulada.

A Palavra de Deus não se cansa de falar sobre a espantosa destruição desfechada pela cobiça. Quando Pedro falava sobre o "caminho de Balaão', referia-se, principalmente, aos falsos mestres; e então advertiu os seus leitores com estas palavras: "Assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão dissimuladamente heresias destruidoras... movidos por avareza, farão comércio de vós" (II Pedro 2.1-3). Note-se que quando os

pensamentos gananciosos são abrigados em nossos corações, eles pervertem nosso próprio ensinamento. Então, se a nossa audiência se compuser de pessoas menos privilegiadas, nosso ensino assumirá um certo aspecto, mas se a nossa audiência for de pessoas mais bem situadas na vida, adaptaremos nosso estilo e nossos temas e as aliciaremos. Portanto, se descobrirmos que pensamentos interesseiros têm qualquer poder para influenciar os nossos movimentos ou as nossas palavras, devemos humilhar-nos contritos perante o Senhor, buscando a Sua misericórdia, porquanto trata-se de uma questão solene.

Escrevendo a Timóteo, Paulo também tece comentários sobre os perigos da cobiça. Em sua primeira epístola, ele observa: "Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com o ensino segundo a piedade, é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras... supondo que a piedade é fonte de lucro" (6.3-5). Como aqueles falsos mestres eram totalmente diferentes de Paulo! Quão intensamente ele se desgastava a si mesmo e aos seus recursos, por amor ao evangelho! Poderia haver coisa mais vil do que alguém lançar-se à obra cristã tendo em mira o lucro? Mas nós, à semelhança dos demais, fatalmente seremos vitimados por essa tentação, a não ser que enfrentemos corajosamente a questão e a resolvamos de uma vez para sempre, tomando a resolução de que nunca olharemos para nosso trabalho como um meio de vida. Rejeitemos o pensamento que julga que "a piedade é fonte de lucro"; mas consolemo-nos com a certeza de que "grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento" (versículo 6). E entesouremos no coração as palavras que Paulo escreveu em seguida, na sua epístola a Timóteo — "Porque nada temos trazido para o mundo, nem cousa alguma podemos levar dele; tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé, e a si mesmos se atormentaram com muitas dores" (versículos 7-10).

Voltando-nos agora da Palavra do Senhor proferida por meio de Seus servos para as palavras ditas diretamente pelo Senhor, lemos no nono capítulo do evangelho de Lucas que Ele enviou os doze, ao passo que o capítulo seguinte registra o envio dos setenta discípulos. Em ambos os casos foram baixadas instruções específicas aos discípulos, a respeito do equipamento deles, e, em ambas as ocasiões, essas instruções foram vasadas em termos negativos. Dirigindo-se aos doze, disse Ele: "Nada leveis para o caminho, nem bordão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro, nem deveis ter duas túnicas" (9.3). Menores detalhes foram dados quando da comissão dos setenta, mas o princípio orientador foi idêntico: "Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias" (10.4). Em ambos os casos, a ênfase foi a mesma, isto é, que quando o Senhor comissiona aos Seus servos eles não deveriam deixar qualquer coisa material entrar em seus cálculos.

Posteriormente, o Senhor interrogou os Seus discípulos a respeito da experiência que tinham tido quando saíram por ordem Sua — "Quando vos mandei sem bolsa, sem alforje e sem sandálias, faltou-vos porventura alguma cousa? Nada, disseram eles" (Lucas 22.35). No entanto, observemos agora a seqüência imediata.

"Então lhes disse: Agora, porém, quem tem bolsa, tome-a, como também o alforje; e o que não tem espada, venda a sua capa e compre uma". As circunstâncias se haviam alterado naquele intervalo de tempo. Chegara a noite em que o Senhor seria traído. Enquanto o caminho permanecia aberto para que os discípulos se movessem livremente de lugar para lugar, as instruções foram peremptórias: "Nada leveis para o caminho"; não obstante, o Senhor legisla de conformidade com as circunstâncias, e, segundo estas, os discípulos agora necessitavam de um mais completo equipamento.

Para que alguém seja um eficiente pregador do evangelho, cumpre que seja compelido por uma paixão que elimine todos os demais interesses. O verdadeiro pregador das boas novas não sente ansiedade acerca da jornada, nem teme pela recepção de que será alvo no fim da jornada, porquanto, juntamente com a sua comissão, recebeu instruções claras a respeito de ambas as coisas. Quanto à jornada, as ordens que recebeu foram — "Nada leveis para o

caminho"; e quando chegar ao seu destino, ele já conta com ordens igualmente explícitas — "Ao entrardes numa casa, dizei antes de tudo: Paz seja nesta casa!" (Lucas 10.5). Que beleza! Todo obreiro cristão deveria ser um mensageiro da paz; todo obreiro cristão deveria exaltar o seu ofício. Talvez sejamos pobres, mas jamais deveremos perder a dignidade de nosso chamamento. Mas, e se as pessoas a quem nos dirigimos se recusarem a receber-nos? O Senhor antecipou essa questão e lhe deu resposta em Lucas 9.5 - "E onde quer que não vos receberem, ao sair daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés em testemunho contra eles". Estão percebendo nessas palavras a dignidade dos servos do Senhor? Não há qualquer vislumbre de auto-compaixão devido à má acolhida de que forem vítimas; não há introspecção, não há perguntas em tom de dúvida quanto à orientação recebida; nada há de negativo ou de fraco. Pelo contrário, os servos do Senhor são fortes e cheios de dignidade, porquanto nada neles é excuso.

Vamos aproveitar algo mais a esse respeito, enquanto notamos as instruções dadas pelo Senhor aos discípulos, quando multiplicou pães para a multidão. Numa das multiplicações de pães Ele estivera ensinando uma audiência de cinco mil homens, sem incluir mulheres e crianças. Quase no fim do dia os discípulos sugeriram que, visto estarem num local desértico, seria conveniente despedir as multidões para que pudessem comprar alimentos pelas aldeias. "Jesus, porém, lhes disse: Não precisam retirar-se, dai-lhes vós mesmos de comer" (Mateus 14.16). Um dos discípulos ficou bastante alarmado ante a possibilidade de ter de arranjar alimentos para tanta gente, e protestou que seria mister uma considerável soma de dinheiro para comprar o suficiente para que cada pessoa recebesse ao menos uma migalha; e. em face disso, o Senhor perguntou quanto alimento tinham realmente à mão. Foram capazes de localizar cinco pães e dois peixinhos, que Lhe foram trazidos, e, devido à Sua bênção sobre tão escasso suprimento, houve tanta abundância que todos se fartaram e ainda sobrou muito.

Por intermédio desse milagre, Cristo demonstrou para os Seus discípulos que a sabedoria do mundo não deve vigorar quando se trata de Seu serviço. Por mais escassos que sejam os recursos que

tivermos à mão, devemos estar preparados para dar, dar e dar. As pessoas que sempre se deixam influenciar pelas considerações financeiras são escravas das riquezas, e não servas de Deus. Porém, leva tempo aprender essa lição. Os discípulos não a aprenderam imediatamente, razão por que, apôs a miraculosa multiplicação dos pães para os cinco mil homens, o Senhor os pôs novamente em circunstâncias similares. Nessa outra oportunidade, uma multidão de cerca de quatro mil homens, sem contar mulheres e crianças, haviam-No seguido pelo espaço de três dias, quando então Ele disse: "Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que permanecem comigo e não têm o que comer; e não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleçam pelo caminho" (Mateus 15.32). Era óbvio que os doze ainda não haviam aprendido essa lição, porquanto dessa vez a sua reação foi idêntica à da ocasião anterior - "Onde haverá neste deserto tantos pães para fartar tão grande multidão?" Agora, como na vez anterior, eles raciocinavam à base das circunstâncias prevalentes e da falta de suprimentos para satisfazer à demanda. Novamente, entretanto, o Senhor simplesmente indagou de quanto dispunham; e quando Lhe apresentaram sete pães, por causa de Sua bênção teve lugar outro milagre, e outra multidão comeu até fartar-se, e ainda sobrou muita coisa.

Por ocasião do Pentecostes, os discípulos viram-se a braços com multidões de almas em necessidade espiritual; mas já haviam aprendido a sua lição e, contando com os recursos divinos, se tornaram ministros da vida eterna, certa ocasião, para nada menos de três mil almas, e, posteriormente, para nada menos de cinco mil pessoas. (Ver Atos 2.41 e 4.4). Foi mediante a disciplina que os discípulos se transformaram em homens capazes de estar à altura da necessidade do Senhor, e não será sem disciplina que nós, igualmente, ficaremos equipados para servi-Lo. Poderemos ser tão frugais quanto quisermos, quando os nossos negócios particulares estiverem em pauta, mas não devemos tentar ser mesquinhos no serviço do Senhor, pois isso Lhe tirará a oportunidade de operar prodígios em favor das multidões. Nosso intuito de frugalidade tão só impedirá Seus propósitos e empobrecerá nossas vidas. Precisamos nos submeter ao treinamento Daquele que treinou aos doze, como

igualmente aos setenta discípulos; embora mesmo debaixo de Suas instruções um dos doze não tivesse sido qualificado para o serviço e tivesse de ser rejeitado como um ladrão. Judas chegou ao extremo de observar Maria, que ungia ao Senhor com um perfume preciosíssimo, para então calcular friamente quanto dinheiro poderia ter sido dado aos pobres, se o ungüento houvesse sido vendido e o apurado fosse entregue aos seus cuidados. Judas só podia ver um desperdício sem propósito naquela liberal expressão de amor de Maria pelo Senhor; mas Jesus valorizou a ação, reputando-a de grande valor para Ele mesmo. "Ela praticou boa ação para comigo", disse Ele; e ajuntou a declaração que por onde quer que o evangelho fosse anunciado, essa pura expressão do poder do evangelho também seria propalada. (Ver João 12.1-8 e Mateus 26.10-13). Quanto a Judas, que tinha um senso de valores tão pervertido, acabou vendendo o Senhor por trinta moedas de prata.

Não, não precisamos ter receio de extravagâncias, se é no Senhor que estamos vertendo o nosso amor e os nossos recursos. Algumas pessoas temem de tal modo ir a extremos que desde o começo de sua vida cristã podem calcular exatamente com quanto devem contribuir regularmente. Se, no primeiro arroubo de nosso amor pelo Salvador podemos mostrar-nos tão calculistas, como não o seremos quando o ardor de nossa afeição se tiver arrefecido?

Que imenso contraste entre Pedro e Judas Iscariotes! Judas era o tesoureiro dos apóstolos e, ao mesmo tempo que administrava os fundos comuns, se apropriava de uma parte do dinheiro para o seu uso pessoal. Pedro bem poderia ter melhorado a sua condição financeira numa época em que um grande número de pessoas estava sendo salvo e vendia as suas possessões para contribuir para o tesouro comum dos crentes. No entanto, notemos o que ele disse ao aleijado que esmolava à porta do templo — "Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!" (Atos 3.5,6). Dediquemo-nos honestamente em algum empreendimento secular se quisermos examinar o nosso aprimoramento financeiro; porém, se quisermos servir ao Senhor, deixemos resolvido para sempre que a nossa preocupação consiste da

promoção do evangelho, e que não gira em torno de nosso proveito próprio.

Examinemos de passagem a vida de Paulo e observemos a sua atitude para com o dinheiro. Escutem a sua defesa, enquanto falava aos anciãos de Éfeso: "De ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes; vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo" (Atos 20.33,34). Ao escrever aos crentes de Corinto, fez-lhes esta pergunta: "Cometi eu, porventura, algum pecado pelo fato de viver humildemente, para que fosseis vós exaltados, visto que gratuitamente vos anunciei o evangelho de Deus? " (II Coríntios 11.7). E perante estes, tal como fizera perante os crentes efésios, ele apresentou a sua defesa: "E, estando entre vós, ao passar privações, não me fiz pesado a ninguém; pois os irmãos, quando vieram da Macedônia, supriram o que me faltava; e em tudo me guardei, e me guardarei, de vos ser pesado. A verdade de Cristo está em mim; por isso não me será tirada esta glória nas regiões da Acaia. Por que razão? É por que não vos amo? Deus o sabe. Mas o que faço, e farei, é para cortar ocasião àqueles que a buscam com o intuito de serem considerados iguais a nós, naquilo em que se gloriam" (versículos 9-12). Paulo não adotara uma atitude independente; estava disposto a aceitar ajuda financeira, conforme essa própria passagem o demonstra; mas, mesmo em um período em que passava necessidades, nada quis receber dos crentes de Corinto, porquanto, se o fizesse, não poderia fazê-lo visando aos interesses do evangelho naquela localidade. Pois na região inteira da Acaia havia pessoas que procuravam desacreditar o seu ministério, e ele estava resolvido a não dar lugar a qualquer dúvida atinente ao seu caráter. Será que ele não aceitava qualquer sustento da parte deles porque pouco os amava? Ele responde à sua própria indagação — "Deus o sabe". Paulo estava cônscio da dignidade de seu ofício, e a resguardava ciosamente. Dele aprendemos a atitude de rejeitar quaisquer dádivas que possam lançar na dúvida o caráter de nosso ministério.

Quão constrangido se sentia Paulo a pregar o evangelho! Ele não podia fazer outra coisa, mesmo que para isso tivesse de trabalhar horas extras, em algum negócio, a fim de que não se transformasse

numa carga para outros; e não somente provia para as suas necessidades pessoais, como também para as de seus companheiros. Seu agudo senso de responsabilidade jamais o deixou satisfeito por possuir o suficiente para si mesmo. Ficamos muito aquém do que deveríamos ser, como obreiros cristãos, se só podemos exercer fé no tocante à satisfação das nossas próprias necessidades, mas a nossa fé não abarcar igualmente as necessidades alheias. Geralmente pensamos que, à semelhança dos levitas, temos o direito de esperar que o povo de Deus nos ofereça os seus dízimos; entretanto, inclinamo-nos por olvidar que os levitas, por sua vez, estavam na obrigação de oferecer os seus dízimos. Os obreiros cristãos de tempo integral correm o perigo de se tornarem tão obcecados, pelo muito do que têm deixado, que sempre esperam apenas receber, perdendo de vista, por completo, sua responsabilidade e seu privilégio de contribuir, essa atitude é fatal para o progresso espiritual do obreiro, pois todo crente, sem importar quão exígua seja a sua renda, sempre deve ser um contribuinte. Se sempre receberem, sem jamais contribuírem, serão conduzidos à estagnação. E se não desempenharmos qualquer responsabilidade financeira para com os outros, Deus nos confiará pouco. Em sua segunda epístola aos Coríntios, Paulo se utiliza da seguinte expressão: "...pobres, mas enriquecendo a muitos" (6.10). Sim, aquele homem conhecia o seu Deus! Não importava quão profunda fosse a sua própria necessidade, ele estava sempre preocupado com o enriquecimento de outras vidas, e o que é mais admirável é que sempre se mantinha em posição de enriquecê-las.

Irmãos e irmãs, se em qualquer lugar o caráter do ministério que lhes foi confiado for posto em dúvida, então, visando à honra do ministério, não ousem aceitar sustento. Cumpre-lhes deixar a sua posição perfeitamente clara; mas, mesmo depois de rejeitar sustento, não se devem esquecer de sua obrigação para com o próximo. Se tiverem a esperança de aumentar os seus rendimentos, então aumentem as suas contribuições. A experiência de muitos dos filhos do Senhor confirma as Suas próprias palavras - "Dai, e dar-se-vos-á" (Lucas 6.38). Essa é uma lei divina, e só podemos violá-la com prejuízo próprio. O crente gere os seus negócios sobre bases

diametralmente opostas do que o faz o incrédulo. Este último poupa a fim de enriquecer; mas o crente se enriquece quando dá. Quiçá o crente não possa aumentar a sua conta bancária com contribuições, mas desse modo é capaz de ir aumentando cada vez mais a sua participação na experiência de Paulo "pobres, mas enriquecendo a muitos".

Quase ao encerrar a sua segunda epístola aos coríntios, ao escrever-lhes sobre a sua esperança de visitá-los dentro em breve, Paulo declara: "Eis que pela terceira vez estou pronto a ir ter convosco, e não vos serei pesado; pois não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros. Não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais para os filhos" (12.14). Observem com quanta freqüência Paulo se refere à sua atitude para com as questões financeiras em suas epístolas aos crentes de Corinto, mas sempre que fala sobre a sua própria atitude, aproveita a oportunidade para instruí-los; doutro modo, bem poderiam ter imaginado que ele adotava uma atitude independente, por haver ficado ofendido com as críticas assacadas contra ele e contra o seu ministério. Embora as circunstâncias especiais em que Paulo fora colocado fizesse necessário que se abstivesse de receber ajuda financeira da parte dos coríntios, era ele tão franco e tão liberto que pôde encorajá-los a enviarem ajuda para os santos necessitados de Jerusalém, e, igualmente, pôde jactar-se da liberalidade dos coríntios perante as igrejas da Macedônia. Pessoalmente, Paulo não precisava do dinheiro deles, mas esse dinheiro era necessário em outros lugares, e Paulo desejava que contribuíssem abundantemente para o próprio enriquecimento deles, e também para o enriquecimento de outros crentes.

Gostaria de perguntar se, enquanto vocês se locomovem entre os filhos do Senhor, à semelhança de Paulo, sempre podem estabelecer a diferença entre "vós" e o que "é vosso". Em todas as suas relações com eles, vocês estão visando a "eles" ou ao que "é deles"? Se eles olham para vocês com desconfiança e negam-lhes o que "é deles", podem vocês ainda dar, sem reservas, daquilo que lhes pertence, ou, pelo contrário, o desejo que vocês têm em ministrar a eles desaparece quando, da parte deles, não há qualquer estímulo em

forma de vantagem financeira? De conformidade com o ponto de vista natural, Paulo teria sobejas razões para abandonar aos coríntios, mas não podia deixá-los sozinhos, e agora, pela terceira vez, planejava visitá-los. Ele rejeitava o que "era deles", mas continuava desejando a "eles" mesmos, E quão autêntica era essa sua atitude transparece crescentemente enquanto ele abria o seu coração para eles, em suas cartas. A seqüência da passagem que citamos dá prosseguimento aos mesmos sentimentos: "Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol das vossas almas. Se mais vos amo, serei menos amado? Pois seja assim, eu não vos fui pesado; porém, sendo astuto, vos prendi com dolo. Porventura vos explorei por intermédio de alguns daqueles que vos enviei? Roguei a Tito, e enviei com ele o irmão; porventura Tito vos explorou? Acaso não temos andado no mesmo espírito? não seguimos nas mesmas pisadas? (II Coríntios 12.15-18). Vejam a atitude do coração de Paulo nessas palavras! Como ele se derramou em favor dos crentes de Corinto! E como derramou de seus recursos, por semelhante modo! Seremos indignos de nosso alto chamamento como pregadores do evangelho se não pudermos investir tudo quanto somos e tudo quanto temos nessa atividade.

Por outra parte, notemos que Paulo aceitou o auxílio financeiro enviado da Macedônia, pois, sob circunstâncias normais é correto que o obreiro cristão receba contribuições da parte de seus irmãos na fé. Paulo não aceitava doações de modo indiscriminado, e também não as rejeitava indiscriminadamente. Ele era dotado de percepção espiritual e, caso as condições espirituais do doador fossem corretas, então Paulo se tornava um grato recebedor. Nós, igualmente, deveríamos discernir entre aquilo que nos compete aceitar e aquilo que nos convém rejeitar, livrando-nos da atitude por demais generalizada de aceitar todas as dádivas que nos são oferecidas.

Passemos agora a considerar a epístola de Paulo aos Filipenses, a fim de determinarmos sua atitude ao receber ofertas daqueles santos. Eis como ele lhes escreve: "E sabeis também vós, ó filipenses, que no início do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja se associou comigo, no tocante a dar e receber, senão unicamente vós outros; porque até para Tessalônica mandastes não

somente uma vez, mas duas, o bastante para as minhas necessidades. Não que eu procure o donativo, mas o que realmente me interessa é o fruto que aumente o vosso crédito" (4.15-17). Paulo referiu-se com gratidão à oferenda da igreja de Filipos; porém, ao fazê-lo, declarou que a sua principal alegria por haver recebido o donativo consistia, não do enriquecimento que isso lhe trouxera, mas do enriquecimento dos próprios doadores; e ato contínuo adicionou esta observação: "Recebi tudo, e tenho abundância". Que contraste faz isso com as usuais cartas de agradecimento pelas dádivas recebidas! Mui geralmente tais cartas salientam quão grande é a necessidade que ainda resta satisfazer, com a intenção, consciente ou inconsciente, de estimular novo ato de generosidade. Leiamos uma vez mais as palavras de Paulo e as tornemos nossas: "Recebi tudo, e tenho abundância". Aqui não há a mais leve indicação de necessidade. Pelo contrário, há tudo para deixar a impressão de total satisfação. Que puro espírito aprimorado era o de Paulo! Quão livre era ele da servidão às riquezas!

Entretanto, vamos prosseguir na leitura: "E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus cada uma de vossas necessidades". Paulo exprime agradecimento por toda a ajuda material que lhe chegara às mãos através dos santos de Filipos, mas jamais perde de vista a dignidade do seu ofício. No tocante à dignidade espiritual ele nada sacrifica, nem mesmo quando reconhece a sua dívida de gratidão para com eles. Paulo não se deixava prender às doações que lhe eram oferecidas. Expressava voluntariamente a sua gratidão, mas deixava patente que reconhecia que tais dádivas eram feitas a Deus - "como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus". Não obstante, visto ser participante da oferta que faziam a Deus, agora proferia uma bênção que ultrapassa a todos os donativos dos filipenses, dizendo - "E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades". Quão rico era Paulo! E quanta abundância ele extravasava sobre os outros! Que nos possamos aliar à singeleza de coração desse homem, dizendo então, conforme ele acrescentou: "Ora, a nosso Deus e Pai seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém".

Finalmente, verifiquemos qual a atitude de Paulo em relação aos fundos da congregação. Em 11 Coríntios 8.1-4, escreve ele: "Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus, concedida às igrejas da Macedônia; porque no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade. Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos".

Tendo sabido da fome em Jerusalém, Paulo informara aos irmãos da Macedônia acerca da necessidade que havia ali. Embora os próprios macedônios estivessem em apertura financeira, ficaram tão comovidos com essa notícia que se negaram a satisfazer às suas próprias necessidades, a fim de enviarem alívio para os seus irmãos, e, movidos de júbilo, enviaram doações acima do que as suas posses lhes permitiam. Tais dádivas por certo não foram feitas sob a obrigação do dever, pois lemos que rogaram fervorosamente ao apóstolo que se lhes fosse permitido ministrar para as necessidades dos santos de Jerusalém. Estavam tão autenticamente vinculados pela mesma vida aos seus irmãos na fé que a sua consciência predominante não dizia respeito à sua própria necessidade imediata, e, sim, à necessidade de membros distantes do Corpo de Cristo. O fato que haviam implorado esse favor, mostra-nos que o apóstolo hesitara em encorajá-los em sua auto-negação, visto que a necessidade deles era tão aguda; mas a importunação deles venceu toda relutância de Paulo. A atitude dos macedônios foi digna de encômios, como também o foi a atitude de Paulo. Achando-se em posição de responsabilidade, Paulo não ousava ignorar a necessidade dos irmãos locais, em sua ânsia de aliviar irmãos de outras paragens; mas os macedônios se sentiam tão libertos do senso de sua própria necessidade e tão autenticamente preocupados pela necessidade dos irmãos que Paulo não pôde deixar de reconhecer a ação de uma vida coletiva, e assim lhes concedeu o pedido. Que belo quadro sobre a relação entre um servo de Deus e aqueles a quem ele busca servir! Nós, que nos chamamos de obreiros cristãos, não devemos saltar de alegria à primeira visão de dinheiro oferecido pelos santos para as

nossas próprias necessidades ou para as necessidades de outros, mas antes devemos considerar bem as circunstâncias dos doadores, a fim de que, em seus cuidados pelos seus irmãos na fé, não cheguem ao ponto extremo de se privarem daquilo de que precisam.

Tendo dado sua aprovação à contribuição dos santos de Corinto aos santos que se achavam em Jerusalém, agora Paulo os orientava na coleta dos donativos e no envio dos mesmos até seus destinatários. Novamente, podemos aproveitar da mesma epístola aos Coríntios: "Mas, graças a Deus", escreve ele, "que pôs no coração de Tito a mesma solicitude por amor de vós... e, mostrando-se mais cuidadoso, partiu voluntariamente para vós outros. E com ele enviamos o irmão cujo louvor no evangelho está espalhado por todas as igrejas. E não só isto, mas foi também eleito pelas igrejas para ser nosso companheiro no desempenho desta graça, ministrada por nós, para a glória do próprio Senhor...evitando assim que alguém nos acuse em face desta generosa dádiva administrada por nós; pois o que nos preocupa é procedermos honestamente, não só perante o Senhor, como também diante dos homens. Com eles enviamos nosso irmão, cujo zelo em muitas ocasiões e de muitos modos temos experimentado" (8.16-22). Notem quão cauteloso foi Paulo em todo esse negócio. Já perceberam como ele não manuseou pessoalmente o dinheiro? Tito é quem recebeu a responsabilidade de fazer a coleta. E dois outros irmãos altamente reputados foram nomeados para acompanhá-lo - "o irmão cujo louvor no evangelho está espalhado por todas as igrejas" e o irmão "cujo zelo em muitas ocasiões e de muitos modos temos experimentado". A administração das finanças da igreja nunca deve ser deixada ao encargo de uma única pessoa; sempre deveria ser manuseada conjuntamente, ao menos por duas ou três pessoas.

Devido à necessidade de se exercer cuidado extremo no tocante às questões de dinheiro, Paulo, escrevendo tanto a Timóteo quanto a Tito, declarou que nenhum indivíduo cobiçoso deveria ser investido da posição de ancião em uma congregação local (ver I Timóteo *33* e Tito 1.7). E, em I Timóteo 3.8, a mesma estipulação é apresentada quando o apóstolo aborda o ofício dos diáconos. Ninguém está qualificado a ocupar uma posição de responsabilidade na igreja se

não sabe manusear fielmente o dinheiro. Pedro frisa o mesmo ponto que Paulo: "Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangidos, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade" (I Pedro 5.2).

A cobiça é um problema que exige tratamento drástico, porquanto, a menos que o solucionemos de maneira radical, cairemos em dificuldades mais cedo ou mais tarde. Que pela graça de Deus possamos andar corretamente em todas as nossas questões financeiras; e que possamos ser capacitados a assumir responsabilidade perante Ele, não somente para satisfação de todas as nossas próprias necessidades materiais, mas também para satisfação, na medida de nossa capacidade, das necessidades de nossos companheiros na fé.

10. LEAL À VERDADE

Leitura: *João 8.44; Mateus 12.19 e II Timóteo 2.24.*

A absoluta lealdade à verdade é uma questão que deve receber prioridade na vida de todo obreiro cristão. E possível, e de fato não acontece raramente, que um obreiro modifica a verdade por estar sendo influenciado pelos homens, pelas circunstâncias, ou pelos seus próprios desejos. A verdade é absoluta, e exige lealdade inabalável da parte de todos os homens e em quaisquer circunstâncias. Se necessário for, podemos sacrificar tudo quanto possuímos, mas não ousemos sacrificar a verdade. Jamais devemos tentar incliná-la segundo os nossos propósitos, mas nós mesmos nos devemos encurvar a ela.

Todos temos o pendor de ignorar a verdade, quando ela entra em conflito com os nossos interesses pessoais. Se nos encontramos em um dilema, ou se a calamidade atinge o círculo de nossa família, ou se um amigo íntimo sofre alguma aflição, quão prontamente nos dispomos a alterar as nossas convicções a fim de nos livrarmos de alguma situação embaraçosa, ou a fim de salvar os nossos entes queridos de qualquer tribulação que possa ser desviada se acomodarmos a verdade às circunstâncias do momento!

Por exemplo, o filho de um obreiro cristão expressa o seu desejo de ser batizado. Se seu pai estiver determinado a sustentar a verdade, entregará o seu filho ao escrutínio dos principais irmãos da igreja, conforme faria com o filho de qualquer outra pessoa, deixando nas mãos deles a decisão se o jovem está apto ou não para ser batizado; porém, visto que esse candidato particular é o seu próprio filho, ele procura fazer certas modificações em seu caso. Sua idéia fixa é que o seu filho seja batizado; pois não está resolvido a sustentar a veracidade da Palavra de Deus. Se a sua preocupação

primária fosse exaltar a Palavra de Deus, livrar-se-ia de todo juízo antecipado no tocante a seu filho, e sentir-se-ia perfeitamente receptivo para com a opinião dos outros.

Consideremos uma outra ilustração. Em certo lugar levanta-se uma controvérsia sobre pontos de doutrina. Certo número de santos se dispõe favoravelmente em defesa de um obreiro particular e alia-se a ele, ao mesmo tempo que outra porção dos membros demonstra preferência por um outro obreiro, e lhe empresta o seu apoio. Nesse caso, infelizmente, nenhuma das partes se entregou totalmente à verdade, porquanto ambas transigiram alicerçados na afeição pessoal. Oh, quão insidiosamente as nossas afeições influenciam as nossas decisões, de tal maneira que chegamos a perverter a Palavra de Deus, em lugar de capitularmos diante dela.

O rigor da Palavra divina não deve ser rebaixado para que se harmonize com os nossos padrões. Não podemos contemporizar com ela, nem mesmo quando ela mostrar as nossas deficiências; compete-nos proclamá-la tal e qual ela é - eternamente inalterável e invariavelmente transcendental em relação à nossa compreensão e às nossas realizações. Cumpre-nos sustentá-la permanentemente, até mesmo quando ela contradisser a nossa experiência ou deixar estupefato o nosso intelecto. E, acima de tudo, devemos cuidar para que não a exponhamos de uma maneira, quando ela afeta outras pessoas, para em seguida suavizá-la, quando tiver de ser aplicada a nós mesmos, ou às nossas respectivas famílias, ou aos nossos amigos. Aceitemos essa advertência, pois existe aqui uma armadilha sutil.

Muitas dificuldades se multiplicam nas igrejas porque os crentes sacrificam a verdade, não querendo sacrificar os seus interesses pessoais. Um dos membros de certa igreja local deixou entendido que não continuaria freqüentando os cultos porque algo sucedera na igreja a respeito do que ele não fora notificado. Que percebera aquele irmão sobre a natureza absoluta da verdade? Se fosse correto para ele descontinuar a sua conexão com os outros irmãos, então mesmo que o tivessem notificado ele estaria na obrigação de fazê-lo; e se não fosse legítimo para ele separar-se

deles, então não tinha qualquer direito de interromper a sua comunhão baseando-se no fato que não fora informado sobre alguma questão da comunidade. Se nos encontramos em uma associação que não está em harmonia com o propósito revelado de Deus, nesse caso devemos abandonar tal posição; mas se, por outro lado, a nossa posição está de conformidade com o Seu propósito mas nos envolve em alguma dificuldade, não devemos reputar a verdade como uma bagatela, para em seguida nos justificarmos de haver saído por causa de dificuldades. Quem somos nós para insistir em que os nossos irmãos na fé mostrem deferência para conosco? E quem somos nós para ousar pôr de lado a Palavra de Deus, somente porque ela nos envolve em situações embaraçosas? Oh! somos por demais presunçosos e ousados. Enquanto a nossa vida própria não for abafada, nunca seremos autênticos servos de Deus. Devemos aprender a considerar a Sua Palavra sem paixões, quer nos seja vantajosa quer não a sua aceitação. Se ao menos pudéssemos perceber a verdadeira natureza da Palavra de Deus, não viveríamos a obscurecer a sua glória, colocando-nos em primeiro plano. Salvemo-nos de nossa presunção!

Utilizemo-nos de uma outra ilustração. Um irmão ouviu certa congregação local ser acerbamente criticada por determinadas pessoas; porém, mais tarde se uniu à mesma, e, em seus contactos com os crentes dali sempre se expressava de modo favorável, embora nunca tivesse examinado honestamente a situação, mas simplesmente sondava o seu caminho entre os irmãos e se mostrava polido de modo geral. Passado algum tempo, um dos irmãos dali, percebendo a sua condição espiritual e desejando ajudá-lo, tratou do caso honestamente com ele, "falando a verdade em amor". Imediatamente ele se ressentiu do que lhe foi dito e separou-se do grupo, espalhando toda sorte de maledicências sobre o mesmo. A esse irmão faltava uma atitude fixa em referência à verdade e, por essa razão, podia torcê-la sempre que ela afetava o seu bem estar pessoal. Se houvesse inquirido honestamente a verdade e também se se tivesse dobrado perante suas implicações, teria tomado uma atitude firme em relação ao grupo desde o início, se a verdade assim o tivesse exigido; mas, se a verdade requeresse que ele se identificasse com aqueles irmãos,

nem mesmo a mais severa correção pessoal poderia levá-lo a romper sua ligação com eles.

Apelando novamente para uma ilustração. Certo obreiro cristão tinha o talento da liderança e se sentiu inclinado a seguir determinado curso de ação; sendo ele um líder, inevitavelmente outros crentes passaram a segui-lo pelo mesmo caminho. Se a senda que aquele líder resolveu tomar era correta, não foi o fato de se ter enveredado por ela que a tornava correta; e se era errada, o fato de tê-la escolhido não a corrigia, não importando quão zeloso fosse ele como crente. Se, em data posterior, aquele homem viesse a cair em um pecado, seu pecado não tornaria errado o curso de ação que tomara. Tenham tolerância comigo se agora repito que a verdade de Deus é absoluta, e que não é o fato que este ou aquele a apóia que a torna assim: porquanto ela o é inerentemente. Entretanto, existe certa tendência em nós que nos leva a fixar a vista nos homens e a concluir que se alguém que julgamos ser pessoa espiritual segue por um determinado caminho, que esse deve ser o caminho certo; e que se alguém que está em más condições espirituais toma um curso de ação qualquer, que esse curso necessariamente está errado. Vocês deixariam de ser crentes só porque certos crentes que conhecem são tão deficientes? Repudiariam o cristianismo somente porque alguns crentes caem em pecado? Não confiariam mais no Senhor, por causa do fracasso de alguém que professa confiar Nele? Por certo que não. Se o Senhor é digno de confiança, devemos continuar confiando Nele. A questão não gira em torno da reação dos homens para com a verdade, mas gira em torno da própria verdade.

Alguns irmãos nos têm dito: "Como agradeço a Deus por haver-me conduzido a estas reuniões locais! Tenho recebido aqui uma grande ajuda espiritual". Não ficamos demasiadamente jubilosos com tais observações. Pois elas não indicam que a natureza absoluta da verdade tenha sido reconhecida por eles. Sempre haverá a possibilidade de que as pessoas que nos fazem tais observações freqüentem os nossos cultos simplesmente por se sentirem atraídas por eles. Mas, esperemos até que alguma coisa transpire e que isso não seja aprovado por elas, e então veremos se elas não julgam a congregação de modo inteiramente errôneo. Se um lugar está errado,

está errado; se está certo, está certo. Não é o fato que sou bem ou mal tratado ali que o torna certo ou errado. A verdade deve ser o único fator determinante de todas as nossas associações; mas, se assim tiver de ser, então este nosso ego que deforma os nossos juízos deve ser abafado.

As numerosas divisões existentes na Igreja e as muitas dissensões na obra seriam eliminadas se ao menos nossas preferências pessoais pudessem ser eliminadas. Se simplesmente capitulássemos perante a verdade, sem importar os seus efeitos sobre nós, não só seriam resolvidos os problemas das igrejas e da obra em geral, mas até os nossos próprios problemas chegariam ao fim. Naturalmente, nós, os crentes, jamais toleramos o pensamento de abandonar a verdade; mas permitimos um leve desvio aqui e um pequeno desvio acolá, e gradualmente a verdade deixa de produzir o seu impacto sobre nós. O resultado disso é que acabamos perdendo o nosso senso de direção e ficamos a vagar para um lado e para o outro. Se as pessoas nos tratam bem, então andamos pelo caminho que Deus nos tiver mostrado, mas, se nos tratam mal, então buscamos outro caminho. Quão importantes somos aos nossos próprios olhos! Ocupamos o lugar que deveria ser ocupado pela verdade. Fazemos de nós mesmos o eixo de todo o universo, e tudo o mais é posto a girar em relação a nós.

Oh, irmãos e irmãs, o que importa é a verdade, e não o seu efeito sobre minúsculas criaturas como vocês e eu. A verdade pode exigir de nós que interrompamos a mais feliz das relações pessoais em troca de uma constante associação com pessoas incompatíveis conosco. Pois não é a felicidade dominante em nosso ambiente que prova que a nossa associação seja correta, nem é a incompatibilidade natural com os nossos associados que mostra que essa ligação é errada. Vamos estabelecer, de uma vez por todas, que a verdade é final e que deve governar todas as nossas associações e todos os nossos pareceres. Nem mesmo nos tribunais terrenos é permitido que as preferências pessoais de um juiz influenciem os seus vereditos. Ele não pode obedecer aos ditames de seu coração recusando-se a proferir a palavra "culpado" ao seu próprio filho, se a lei tiver demonstrado a culpa deste; e não pode deixar de pronunciar o seu

inimigo "inocente", se a lei assim o exigir. A lei é absoluta, e um juiz está na obrigação de submeter-se a ela.

Se, na qualidade de um corpo de cooperadores na obra cristã, nos subordinássemos incondicionalmente à verdade, quão rápida e suavemente seriam tomadas as nossas deliberações, e como a obra seria próspera! Quando a nossa única consideração for a vontade do Senhor, seremos poupados de muitas discussões infrutíferas, e com prontidão chegaremos a conclusões claras; até chegarmos a esse ponto, entretanto, gastaremos longo e precioso tempo a discutir as nossas opiniões individuais, e teremos que medir as nossas palavras, apelando para a diplomacia, a fim de agradar a todos. Estaremos sempre a pensar se o irmão fulano se ofenderia caso fizéssemos isto ou aquilo, se o irmão sicrano se recusaria a cooperar se assumíssemos uma atitude diferente, e quais concessões seriam necessárias para conciliar o irmão beltrano. E ainda que as nossas cautelosas considerações sobre as opiniões uns dos outros, e mesmo que os nossos constantes ajustamentos às convicções alheias, nos salvassem de impasses, que teríamos ganho com isso, já que transigimos com a verdade?

Se, em lugar de lisonjear uns aos outros e de traçar planos e normas políticas capazes de preservar a paz entre nosso grupo de cooperadores na obra cristã, cada qual aceitasse a verdade como algo final e se sujeitasse humildemente a ela, então as bênçãos do Senhor seriam derramadas sobre a associação inteira. Oxalá a nossa única preocupação fosse descobrir a vontade de Deus para, simplesmente, fazermos aquilo que Ele nos diz!

Que seja essa a nossa mais séria atividade. Não nos devemos esquecer, porém, que na obra do Senhor não há lugar para nossas atividades egoísticas. Talvez sejamos compelidos por um autêntico desejo de que a obra prospere, ao procurarmos exercer influência sobre outras vidas; e é mesmo possível levá-las a aceitarem a verdade, mas o fim não justifica os meios. A verdade é por demais grandiosa para exigir as nossas manipulações. Bem podemos confiar em sua inerente autoridade para que produza o seu devido impacto. A nós compete submeter-nos a ela, com humildade de coração.

FIM